



# Gazeta Valeparaibana

2020

## As estátuas do nosso desconforto

Se as derrubamos, não é porque nos incomodem, em si mesmas. Mas por estarem vivas as três formas de dominação – capitalista, patriarcal e colonial – que as colocaram em pedestais e nos trouxeram a um presente que precisamos superar

Na imagem a Estátua da Liberdade em montagem em Paris, 1878.

As estátuas parecem-se muito com o passado, e é por isso que sempre que são postas em causa nos viramos para os historiadores.

A verdade é que as estátuas só são passado quando estão tranquilas nas praças, partilhando a recíproca indiferença entre nós e elas. por seres humanos.

**Página 4**



## 2020: que ano foi esse?



### O meio ambiente, entre o fogo e a boiada

O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, fez cumprir sua palavra: passou com a boiada por cima de normas, Constituição, órgãos públicos, comunidades, florestas e quem mais ousasse estar pelo caminho do “progresso brasileiro” em 2020.

Em um ano marcado por recordes de destruição ambiental e pelo desmonte estatal, o fogo consumiu Amazônia e Pantanal como nunca antes se registrou, servidores foram perseguidos simplesmente por desempenharem seu trabalho, militares sem conhecimento técnico foram alçados a chefias estratégicas e o mundo passou a olhar para o Brasil como um inimigo do meio ambiente.

**Página 15**

### O que esperar da Educação pós-pandemia?



A educação tem sofrido fortes golpes com a COVID-19, com impactos já considerados irreversíveis.

**Página 5**

### Convite a repensar a Educação



Há séculos, ensino ocidental prepara para competir, quando precisamos de cooperação; e privilegia saberes que nos distanciam da natureza, o que é alienante e trágico. Agora, a paralisação das aulas pode estimular uma mudança profunda.

**Página 6**

“Tudo que o homem não conhece não existe para ele. Por isso o mundo tem, para cada um, o tamanho que abrange o seu conhecimento”.

**Carlos Bernardo G. Pecotche**

“O espectro político esquerda-direita é criação nossa. Na verdade, reflete cuidadosamente nossa polarização artificial minuciosa da sociedade, dividida em questões menores que impedem que se perceba nosso poder”

**A tecnocracia oculta do Poder**

### TAMBÉM NESTA EDIÇÃO

**Por que estudar o imperialismo hoje?**

**Página 7**

**A açucarada língua portuguesa:**

**Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI**

**Página 9**

**Felicidade: A maior droga do século XXI**

**Página 10**

**Educação, Trabalho e Pós-Capitalismo**

**Página 13**

**Covid-19, a Vacina**

**Página 14**

**Passaporte da vacina: documento digital pode ser necessário para viajar**

**Página 16**

**E muito mais...**

**EDITORIAL****Feliz 2021?**

Vamos reiniciar? Reiniciar o que, como e para onde?

O que você daria por estar em um restaurante agora, pós-pandemia, gritando um pedido de bebida acima do barulho de seus amigos risonhos? Imagine isso. A barra na qual você está encostado ficaria pegajosa com respingos de estranhos. O ar que você está respirando seria filtrado pelas vias nasais desses estranhos. E você não pensaria duas vezes sobre isso.

Muitos de nós passamos os últimos nove meses desejando uma noite normal como essa. Muitos de nós passamos os últimos quatro anos ansiando por um presidente normal. Em 2021, podemos ter esses dois desejos. Mas como será "normal"? com o que isso deveria parecer?

Voltaremos ao escritório e, em caso afirmativo, nos arrependemos?

As indústrias da moda e da restauração podem sobreviver?

Pode o multipartidarismo?

Qual é o futuro da poesia política?

Qual o futuro do consumismo?

Qual é o futuro do sexo promíscuo?

Os professores e alunos aprenderão alguma coisa com a escola Zoom?

A pandemia não acabou; há meses de sofrimento ainda pela frente. Mas - eventualmente - pode ser um feliz ano novo afinal.

Depende de nós.

Depende de cada um de nós!

Depende de cada um de nós como nos preservamos frente à pandemia,

Depende de cada um de nós a forma de como consumir,

Depende de cada um de nós, na opinião e na participação política no convívio democrático,

Depende de cada um de nós encararmos os malefícios do consumo exacerbado,

Depende de cada um de nós como nos relacionamos,

De certo professores e alunos devem ter aprendido que o cuidar da Casa Comum, da Mãe Terra é a única salvação.

Torna-se muito cético, desejar um Feliz 2021 sem cair na hipocrisia.

Infelizmente!

**01 - Dia da Confraternização Universal**

A Confraternização Universal ou Dia da Confraternização Universal é comemorado no dia 1º de janeiro de cada ano e é um feriado cívico.

O significado da celebração que dá as boas-vindas ao novo ano reflete o desejo de união entre os povos.

**Origem do Dia da Confraternização Universal**

Com a Lei Nº 108, de 29 de outubro de 1935, no governo do presidente Getúlio, Vargas, o primeiro dia do ano foi consagrado à comemoração da fraternidade universal e foi estabelecido como feriado nacional.

Embora muitas fontes divulguem que o Dia da Confraternização Universal tenha sido criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a data não consta no seu calendário.

**Dia Mundial da Paz**

Com uma proposta bastante parecida, na mesma data é comemorado o Dia Mundial da Paz, a qual foi criada em 1967 pelo então Papa Paulo VI.

Apesar de ter sido estabelecida por um Papa, a celebração não é restrita aos católicos. Na altura da sua criação, o Papa Paulo VI declarou a importância do envolvimento de todas as pessoas, independentemente da sua religião e, assim, esse dia passou a ser comemorado em muitos países do mundo.

O tema da comemoração de cada ano é escolhido pelo papa vigente. Milhares de pessoas assistem todos os anos o seu discurso no dia 1 de janeiro, que é tradicionalmente conhecido como a "Mensagem do Papa".

**Frases Soltas**

**Começo com o ditado** "Quem ama o feio, bonito lhe parece"; adaptado pelo Barão de Itararé, virou: "Quem ama o feio é porque o bonito não lhe aparece"; readaptado por mim: "Quem ama o feio... Eba! Olha o Mendes..."

\*\*\*

**Clarice Lispector:** "A feiura é o meu estandarte de guerra. Eu amo o feio com um amor de igual para igual".

\*\*\*

**Não sei quem:** "Se alguém me vir abraçado com mulher feia, pode apartar que é briga"

\*\*\*

**Gabriel Pensador:** "A beleza é passageira, mas feiura é um bem que a gente tem pra vida inteira".

\*\*\*

**Vanessa Pimentel:** "Inteligência encobre feiura, mas beleza não disfarça burrice".

\*\*\*

**Michel de Montaigne:** "Uma fealdade e uma velhice confessada, a meu ver, menos velhas e menos feias do que outras disfarçadas e esticadas".

\*\*\*

**Mário Quintana:** "Dizes que a beleza não é nada? Imagina um hipopótamo com alma de anjo... Sim, ele poderá convencer os outros de sua angelitude – mas que trabalheira!".

\*\*\*

**Johann Goethe:** "Quem tem bastante no seu interior, pouco precisa de fora".

\*\*\*

**Carmen Sylva:** "Chama-se realismo à fealdade, como se chama franqueza à grosseria".

\*\*\*

**Colaboraram nesta edição****Colaboradores Fixos:**

Mariene Hildebrando  
Genha Auga  
Loryel Rocha  
Filipe de Sousa

**Colaboradores eventuais:**

Boaventura de Sousa Santos  
Felipe Zamana  
George Monbiot  
Luis Eustáquio Soares  
Cristine Gorski Severo  
Pedro Buarque  
Hanaa Hasan  
Paulo Metri  
Roberto Rafael Dias da Silva  
Margareth Dalcolmo  
Erick Gimenes  
Ricardo Queiroz Pinheiro

**Fontes:**

Callendar  
Blog do Renato

**IMPORTANTE**

Todas as matérias, reportagens, fotos e demais conteúdos são de inteira responsabilidade dos colaboradores que assinam as matérias, podendo seus conteúdos não corresponderem à opinião deste Jornal.

**A Gazeta Valeparaibana é um jornal mensal gratuito distribuído mensalmente em PDF para leitura e download**

**Diretor, Editor e Jornalista responsável**  
Filipe de Sousa - FENAI 1142/09-J

## CRÔNICA DO MÊS

### Crenças e Valores pessoais

Crenças e valores todos possuem. Não nascem com a gente, são adquiridos ao longo da vida e sofrem a influência de cada época e de cada cultura. Conduzem o nosso comportamento e ações individuais ou coletivos.

A crença representa que você acredita em algo, acredita em pessoas ou coisas. E valores podem ser definidos como algo que guia a conduta humana, o nosso comportamento. Muitas das nossas crenças estão no nosso inconsciente, são nossos pensamentos e ideias que influenciam nossas ações e nossa vida de forma direta. Inconscientes ou não o fato é que só quando agimos colocamos nossa energia naquilo que acreditamos e assim conseguimos fazer as coisas acontecerem.

Quando cremos em algo, quer dizer que acreditamos naquilo, mas isso não quer dizer necessariamente que estamos certos, que aquela crença que tenho é correta. Ela serve para mim, mas, pode não servir para outra pessoa. Estamos o tempo todo sofrendo influências. A educação recebida, tudo o que nos cerca, a sociedade em que vivemos acaba por formar nossas crenças. A opinião que temos a respeito da realidade e aquilo que vivenciamos e experienciamos vai moldar nossas crenças, e, como somos seres que estamos sempre aprendendo, nossas convicções podem mudar, consequentemente nossos valores também. Eles não são estáticos. Valores e crenças mudam ao longo do tempo.

Nossas crenças pessoais tem por base elementos racionais e elementos que se baseiam em intuições e sensações, maneiras de percebermos as coisas, enquanto nossas crenças sociais, são baseadas naquilo em que uma coletividade acredita e compartilha, normalmente baseado em tradições e costumes. Podemos dizer que nossos valores são bastante individuais e tem a importância que damos a eles. Comungamos nossos valores e crenças com indivíduos isoladamente, ou com um grupo de indivíduos, e, inevitavelmente surgirão conflitos, pois cada um percebe os valores de uma maneira e lhes confere uma determinada dimensão. É quando o conflito é gerado que conseguimos perceber que algumas crenças simplesmente estão ali, nem nos damos conta que as temos, até nos depararmos com algo que nos mostre que ela está ali. Enquanto outras crenças têm a nossa aceitação voluntária, refletimos sobre ela e incorporamos as nossas atitudes e ações. Um dos conflitos que mais vemos acontecer é o que diz respeito à religião. Alguns têm dificuldade em aceitar crenças contrárias as suas, e isso gera intolerância, que acaba gerando guerras por motivos religiosos. Vemos relacionamentos acabarem por que as pessoas possuem valores e crenças diferentes e deixam de ouvir o outro. É preciso usar a razão. O bom e o ruim tem a ver com a maneira como vemos as coisas, o sentido que damos a elas vai influenciar diretamente na nossa qualidade de vida. Nossos graus de valores acabam por orientar nossa vida, mas nem sempre isso ocorre de maneira tranquila. Existem valores que nos causam confusão por serem conflitantes, e às vezes nos fazem tomar decisões difíceis.

Se nossas crenças não estão funcionando, podemos mudá-las. Precisamos nos adaptar. Nada é estático nem para sempre. Não está funcionando? Muda que o foco mudará também. Entenda que valores não são o mesmo que crença. A crença tem a ver com nossos preceitos, com nossas diretrizes. Pessoas podem cultivar os mesmos valores e mesmo assim ter crenças diferentes. As crenças são temporais, elas podem nos servir em determinado momento e tem a ver com a moral, enquanto os valores são atemporais e tem a ver com a ética, tem ligação direta com o respeito ao outro.

Importa saber que nossas crenças não são estáticas. Podemos ser melhores sempre, valores e crenças andam juntos. Nossas crenças podem nos fazer evoluir ou nos limitar, cabe a nós transformarmos o que não está funcionando. Claro que todos temos valores e crenças que são inegociáveis, e sabendo disso fica mais fácil a convivência humana. É importante saber quais são eles para que nossa existência se torne mais feliz e mais equilibrada.

E para o ano que chega, vamos ressignificar nossas crenças, vamos crer em um mundo melhor. Refletir, sermos gratos por termos atravessado todas as dificuldades causadas pela pandemia, por termos nos adaptado e termos sido resilientes. Entender que as transformações ocorridas ainda irão refletir nos próximos anos. Transformações políticas, econômicas, sociais que levariam anos para acontecer, ocorreram repentinamente, no susto. Com todas essas mudanças, não tem como não mudarmos algumas crenças e alguns valores. Adaptação e revisão de crenças e valores são fundamentais. Repensar o essencial nos fará seguir adiante.

#### Mariene Hildebrando

Professora e especialista em Direitos Humanos.

*“Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém”.*  
São Paulo

JANEIRO 2021						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

#### ALGUMAS DATAS COMEMORATIVAS

- 01 - Ano-Novo
- 01 - Dia da Confraternização Universal
- 01 - Dia Mundial da Paz
- 04 - Dia Nacional da Abreugrafia
- 04 - Dia Mundial do Braille
- 06 - Dia da Gratidão
- 07 - Dia do Leitor
- 09 - Dia do Fico
- 11 - Dia do Controle da Poluição por Agrotóxicos
- 17 - Aniversário da Emancipação do Ceará
- 18 - Dia da Universidade
- 18 - Dia Internacional do Riso
- 28 - Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo
- 30 - Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos
- 30 - Mundial da Nãoviolência e Cultura de Paz

Veja todas as datas comemorativas do mês na nossa [BIBLIOTECA!](#)

Disponível no site

[www.gazetavaleparaibana.com](http://www.gazetavaleparaibana.com)

## FRASES E Pensamentos

Há um casamento que ainda não foi feito no Brasil: entre o saber acadêmico e o saber popular. O saber popular nasce da experiência sofrida, dos mil jeitos de sobreviver com poucos recursos. O saber acadêmico nasce do estudo, bebendo de muitas fontes. Quando esses dois saberes se unirem, seremos invencíveis.

O cuidado pertence à essência de toda a vida. Sem o cuidado ela adocece e morre. Com cuidado, é protegida e dura mais. O desafio hoje é entender a política como cuidado do Brasil, de sua gente, da natureza, da educação, da saúde, da justiça. Esse cuidado é a prova de que amamos o nosso país.

O Brasil é a maior nação neolatina do mundo. Temos tudo para sermos também a maior civilização dos trópicos, não imperial, mas solidária com todas as nações, porque incorporou em si representantes de 60 povos que para aqui vieram. Nosso desafio é mostrar que o Brasil pode ser, de fato, um pedaço do paraíso que não se perdeu.

Uma das características da cultura brasileira é a alegria e o sentido de humor, que ajudam aliviar as contradições sociais. Essa alegria nasce da convicção de que a vida vale mais do que qualquer coisa. Por isso deve ser celebrada com festa e diante do fracasso, manter o humor. O efeito é a leveza e o entusiasmo que tantos admiram em nós.

O povo brasileiro é religioso e místico. Mais que pensar em Deus, ele sente Deus em seu cotidiano que se revela nas expressões: Deus para ele não é um problema, mas a solução de seus problemas. Sente-se amparado por santos e santas e por bons espíritos e orixás que ancoram sua vida no meio do sofrimento.

Agradeço a todas as pessoas que me quiseram mal. Aprendi, com elas, a perdoar e a precaver-me contra as intempéries do mundo.

## As estátuas do nosso desconforto



Se as derrubamos, não é porque nos incomodam, em si mesmas. Mas por estarem vivas as três formas de dominação – capitalista, patriarcal e colonial – que as colocaram em pedestais e nos trouxeram a um presente que precisamos superar

Na imagem a Estátua da Liberdade em montagem em Paris, 1878

As estátuas parecem-se muito com o passado, e é por isso que sempre que são postas em causa nos viramos para os historiadores. A verdade é que as estátuas só são passado quando estão tranquilas nas praças, partilhando a recíproca indiferença entre nós e elas. Nesses momentos, que por vezes duram séculos, são mais intencionalmente visitadas por pombas do que por seres humanos. Quando, no entanto, se tornam objeto de contestação, as estátuas saltam do passado e passam a ser parte do nosso presente. Doutra modo, como poderíamos dialogar com elas e elas conosco? Claro que há estátuas que nunca são contestadas, quer porque pertencem a um passado demasiado remoto para saltar para o presente, quer porque pertencem ao presente eterno da arte. Estas estátuas só não estão a salvo de extremistas tresloucados, caso dos Budas de Bamiyan, do século V, destruídas pelos talibãs do Afeganistão em 2001.

As estátuas que dão este salto e se oferecem ao diálogo são parte do nosso presente e são contestadas porque representam contas que não foram saldadas, destruições e injustiças que não foram reparadas. Quem as contesta não lhes pede contas a elas nem exige reparações delas. As contas têm de ser feitas e as reparações têm de ser dadas por quem herdou e detém o poder injusto que as estátuas representam. Sempre que o poder que as fez erigir foi justa ou injustamente derrotado, as estátuas foram retiradas prontamente, sem nenhuma comoção e até com aplauso. Se é tão forte o movimento atual de contestação às estátuas, iniciado pelo movimento #blacklivesmatter, isso deve-se à continuidade no presente do poder que no passado originou as destruições e as injustiças de que as estátuas são involuntárias testemunhas. E se o poder continua, continuam as destruições e as injustiças. A contestação é contra estas.

E que poder é esse? No contexto europeu e eurodescendente, esse poder é o capitalismo, o

colonialismo e o patriarcado, três formas de poder articuladas que dominam há quase seis séculos. A primeira é do século XV e as duas outras existiram muito antes, mas foram reconfiguradas pelo capitalismo moderno e postas ao serviço deste. As três estão de tal maneira articuladas que nenhuma delas existe sem as outras. O que consideramos passado é assim uma ilusão de ótica, uma cegueira em relação ao presente. O colonialismo é passado? Não. O que passou (e não totalmente, como mostram os casos do Saara Ocidental, da Papuásia Ocidental e da Palestina) foi uma forma específica de colonialismo, o colonialismo histórico, por ocupação territorial por potência estrangeira. Mas o colonialismo continuou até hoje sob outras formas, desde o neocolonialismo ao saque dos recursos naturais das ex-colónias e ao racismo. Se nada disto fosse parte do nosso presente, as estátuas estariam sossegadas e entregues às pombas. Para sermos mais concretos, se na grande Lisboa não houvesse bairros da Jamaica, se a cor de pele das populações mais expostas ao vírus não fosse a que é e fosse igual à dos que estão em teletrabalho, se não houvesse brutalidade policial racista nem grupos neonazis infiltrados nas suas organizações profissionais, as estátuas estariam em seu sossego pétreo ou metálico.

O patriarcado não está abacando, com todas as leis e políticas em defesa da igualdade de género? Não. Se os movimentos feministas tivessem pleno êxito, não estaria a aumentar o feminicídio. Nem a pandemia teria feito disparar em todos os países a violência contra as mulheres. O capitalismo não terminou? Não. Esta é talvez a mais perversa ilusão, propagada pelas mídias, pelos economistas e por muitos cientistas sociais. Para muitos, o capitalismo era uma ideologia; agora há mercados, colaboradores, empreendedores, economia de mercado, PIB, desenvolvimento. Em verdade, o capitalismo ampliou sua capacidade de produzir injustiça nos últimos 40 anos, bem refletida na erosão dos direitos dos trabalhadores, na estagnação dos salários (nos EUA, desde 1969). É neste caldo de poder injusto que aumentam o racismo, a negação de outras histórias, a violência contra as mulheres e a homofobia. É contra este poder que se dirige a contestação das estátuas. Esta contestação dá um relevo especial à luta antirracista e anticolonial, mas não esqueçamos que ela é tão importante quanto a luta antissexista e anticapitalista.

As estátuas não terão sossego enquanto estas formas de poder existirem, sobretudo com a virulência que têm hoje. E as estátuas só parecem alvos inocentes e desfocados porque domina hoje a política do ressentimento: como deixamos de conhecer as causas do descontentamento, investimos contra as suas consequências. É por isso que o operário norte-americano, branco, empobrecido pensa que o seu pior inimigo é o operário imigrante, latino, ainda mais empobreci-

do que ele. É por isso que a classe média europeia, temerosa de perder o que há pouco conquistou, pensa que os seus piores inimigos são os imigrantes e os refugiados. Enquanto este poder subsistir, se quem o detém tiver alguma consciência histórica e até estiver disponível para fazer concessões, deveria ter a prudência de recolher ordeiramente todas as estátuas e construir um museu para elas. Pediria então a artistas, escritores e cientistas do país e dos países que tão levemente consideramos irmãos para construir diálogos interculturais com as estátuas e fazer disso uma criativa pedagogia da libertação. Quando isso ocorrer, o passado irá saindo do presente pela porta principal.

E há boas condições para fazer isto porque os povos ofendidos, além de terem resistido a tanta humilhação, são criativos e até são capazes de reconhecer que o poder que os ofendeu também se quer resgatar. Conto duas histórias da minha experiência de investigação como sociólogo. Em 2002, fazia trabalho de pesquisa na ilha de Moçambique, no norte do país, quando me contaram a primeira história. Há uma estátua de Luís de Camões na ilha, colocada no tempo colonial. Com as mudanças turbulentas da independência em 1975, a estátua foi retirada e guardada nos armazéns da capitania. Entretanto, deixou de chover anos a fio na ilha. Os velhos sábios de lá reuniram-se, fizeram os seus rituais e chegaram à conclusão de que a falta de chuva talvez se devesse à retirada intempestiva da estátua. Pediram que a estátua fosse repostada e o Camões lá está, olhando para imensidão do Índico e trazendo a chuva que enche a cisterna. A estátua de Camões e a sua história foram assim reapropriadas pelos moçambicanos.

A segunda história ocorreu no dia 24 de Julho de 2014, quando os descendentes dos meninos indígenas que estão na estátua do padre Antônio Vieira visitaram o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Eram nove líderes indígenas representantes dos povos guajajara, macuxi, munduruku, terena, taurepang, tukano, yanomami e maya, a maior delegação de sempre de indígenas brasileiros na Europa. Vinham agradecer a minha intermediação junto do Supremo Tribunal Federal do Brasil na demarcação da terra indígena da Raposa Serra do Sol. Sem desprimor para a Universidade McGill do Canadá, que iniciou a lista, nem para as 18 universidades que se seguiram a conceder-me graus de doutor honoris causa, eu considero o cocar indígena e o bastão de mando que me foi concedido na cerimónia como uma das honras mais preciosas. Quem se enganou foi a estátua do padre Antônio Vieira, porque nos faz crer que aqueles meninos ficaram crianças até hoje. E há muito boa gente que continua a pensar o mesmo.

### Boaventura de Sousa Santos

## 04 - Dia Nacional da Abreugrafia

Esta data é uma homenagem à criação da técnica médica que permite a impressão de imagens de radiografias em papéis fotográficos. Esse método foi indispensável nos diagnósticos de doenças pulmonares e lesões no coração.

A abreugrafia tem este nome devido ao seu criador, o médico brasileiro radiologista Manoel Dias de Abreu (1891 – 1962), que inventou esta técnica em 1936. O nome da sua invenção foi oficializado num congresso brasileiro de tuberculose, em 1939.

Numa época onde o mundo era assolado por uma epidemia de tuberculo-

se, a invenção do médico brasileiro possibilitou a identificação atempada da doença e, conseqüentemente, o aumento da probabilidade de cura dos pacientes. Devido à importância da sua invenção, Manoel Dias de Abreu chegou a ser indicado ao Prêmio Nobel.

### Origem do Dia Nacional da Abreugrafia

Manoel Dias de Abreu nasceu em 4 de janeiro de 1861, sendo este o motivo da escolha desta data como o da celebração do Dia Nacional da Abreugrafia.

A data comemorativa foi oficializada pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Isso foi feito através do Decreto nº 42.984, de 3 de janeiro de 1958

## O que esperar da Educação pós-pandemia?

A educação tem sofrido fortes golpes com a COVID-19, com impactos já considerados irreversíveis. Cerca de 1.5 bilhões de estudantes ficaram



fora da escola em mais de 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. No Brasil, desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de ensino básico.

A maioria das soluções tecnológicas adotadas pelas instituições de ensino para suavizar o confinamento, embora já nos fosse uma tecnologia familiar (videoconferências, Moodle, EaD, entre outras), resultou numa mudança dolorosa da sala de aula física para a digital, tanto para os professores quanto para os alunos, mostrando o quanto o sistema educacional está despreparado para o futuro.

Como as escolas podem então promover o aprendizado diante da diversidade de contextos socioeconômicos da população e de dificuldade de acesso de alguns para a educação a distância?

A criatividade desempenha um papel decisivo no desenvolvimento de soluções para nossa situação atual, além do seu impacto nas novas economias emergentes que dependem dessas mudanças, como a Economia Criativa, mas a maioria das escolas e universidades não está preparando os alunos para serem criativos e inovadores. Conforme o relatório do Fórum Econômico Mundial, as tecnologias estão possibilitando novas formas de organizar como o valor é criado e, nesse cenário, a criatividade está entre os recursos mais importantes para a construção do futuro.

Neste sentido, a COVID-19 oferece uma oportunidade de ouro para repensarmos o que realmente importa na educação. Mesmo antes da pandemia, os sistemas escolares já estavam desconectados das realidades e necessidades dos alunos.

Nos anos 70, Ivan Illich alertou (veja referências abaixo) como as escolas foram concebidas com uma estrutura fabril, onde os alunos são, em suas palavras, "recursos naturais a serem moldados pelas escolas para alimentar a máquina industrial". Ainda hoje é possível ver evidências dessa estrutura, como mostra o relatório "Escolas do futuro: definindo novos modelos de educação para a Quarta Revolução Industrial" do Fórum Econômico Mundial (2020):

Muitos sistemas de ensino nas economias desenvolvidas e em desenvolvimento ainda dependem fortemente de formas passivas de aprendizado focadas na instrução e na memorização diretas, em vez de métodos interativos que promovem o pensamento crítico e individual necessário na economia atual impulsionada pela inovação.

Além disso, os principais problemas da educação de hoje também incluem: altos índices de segregação socioeconômica, abandono e insucesso escolar, má cultura de rede e colaboração, salas de aula superlotadas que dificultam a educação de qualidade, e um currículo obsoleto.

A pandemia é um alerta para a educação. Antes dessa crise, era comum ouvir sobre as mudanças educacionais necessárias para o século XXI, mas agora está evidente como essas mudanças são urgentes e já não há tempo a perder. Desse ponto de vista, o ensino deve ser construído de forma a atender às necessidades da nova geração, mas também, somado à maturidade de professores e instituições de ensino, trazer caminhos complementares para melhor preparar os alunos para o futuro.

Aprendemos com o distanciamento social que os meios digitais por si só não são suficientes, principalmente para a formação social do indivíduo. O ambiente escolar e universitário corresponde a um fator determinante na construção da personalidade e desenvolvimento de competências e habilidades sociais do aluno.

A experiência sem precedentes dessa crise nos leva a pensar e buscar entender o significado de viver globalmente interconectado, e que não existe questões e ações isoladas. Assim, o assunto mais importante a ensinar aos jovens é que este mundo não pertence apenas a nós, e enfatizar a conscientização sobre comunidade, coletivo e sociedade. A humanidade precisa ser capaz de pensar de maneira sistêmica, buscando antecipar o impacto de suas ações em múltiplos níveis e contextos, e a capacidade de prevenir riscos depende do acesso ao conhecimento, à educação e ao desenvolvimento da criatividade.

A marca deste tempo é a incerteza, agora mais do que nunca. Porém, este é um momento simbólico em que a COVID-19 anuncia o fim de uma educação amplamente obsoleta. A situação atual oferece a possibilidade de redesenhar uma educação melhor para todos, onde a equidade, a excelência e o bem-estar dos alunos serão os novos alicerces da educação. Entretanto, ainda há dúvidas se a educação pós-pandemia permitirá a chegada de um movimento de renovação pedagógica ou se simplesmente retornará exatamente como era antes.

Essa crise nos oferece uma excelente oportunidade para criar a motivação certa que influencia diretamente características como curiosidade, disposição para assumir riscos, tolerância, dedicação, energia, concentração e fascínio pela tarefa, fundamentais para o pensamento criativo. Segundo a UNESCO (2020), a resposta educacional à COVID-19 deve "priorizar a colaboração e trabalhar em parcerias; estimular a colaboração multissetorial (educação, saúde, social e comunitária, entre outros); facilitar o aprendizado entre pares (que inclui o compartilhamento de experiências, informações, desafios, ideias, soluções e lições aprendidas); e fortalecer comunidades de prática para professores".

O bom professor sabe que deve trabalhar bem com o plano de estudos para ter sucesso com o aprendizado dos alunos. Para atingir o objetivo principal, não basta comunicar o conteúdo; é preciso também motivar e envolver cada aluno no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é necessário que o sistema educacional abrace formatos que envolvam mais grupos de colaboração, improvisação e processos criativos, possibilitando que o aluno responda melhor às necessidades e desafios do mundo atual.

Não é a primeira vez que enfrentamos uma situação de pandemia, mas mesmo assim não conseguimos lidar adequadamente com os problemas e agirmos com rapidez para resolvê-los. A principal razão não é porque não somos capazes de pensar criativamente, mas porque não somos ensinados a pensar dessa maneira. Na verdade, às vezes é exatamente o oposto: a pior coisa que você pode fazer na escola é pensar ou agir de forma criativa.

Assim, devemos ter atenção em três principais mudanças necessárias nos sistemas educacionais:

- 1- A resposta a essa atual pandemia deve ter uma perspectiva de longo prazo, uma vez que as situações semelhantes já ocorreram antes e podem ocorrer novamente;
- 2- Refazer o objetivo da educação e ir além dos exames, concentrando-se na aprendizagem do aluno e não apenas garantir que todos os tópicos do currículo sejam abordados;
- 3- A educação precisa abordar a realidade em que os alunos estão vivendo e vivenciando.

Para isso, as instituições de ensino devem incentivar o questionamento, oferecendo um espaço seguro para compartilhar ideias, construir confiança e amizade, abandonando a necessidade de controle e estabilidade para dar espaço para a experimentação, a empatia, a colaboração e a comunicação.

Cabe a nós professores preparar os alunos para o futuro, lembrando que as mudanças, mesmo que radicais, trazem novos começos. Vamos provocar os alunos a formular boas perguntas, ao invés de restringi-los à "resposta certa". Vamos (re)construir uma educação que inspire os estudantes de hoje e de amanhã a criar novas visões e paradigmas para tornar este mundo um lugar melhor.

### Felipe Zamana

em cada um de nós uma atitude positiva com relação à vida e nos fortalece para os momentos de dificuldades.

"O ato de agradecer tem o poder de transformar as nossas vidas. Permitir que a gratidão preencha seu coração é a melhor maneira para alcançar a plenitude de uma vida feliz, independente das circunstâncias. Por isso, seja grato hoje, amanhã e sempre!"

## 06 - Dia da Gratidão

Nessa data dedicada ao agradecimento, devemos expressar gratidão por tudo o que somos e temos, por aquilo que nos acontece de bom e pelos desafios com os quais nos deparamos.

Agradecer é um exercício que nos traz muitos benefícios, pois desperta

## Convite a repensar a Educação



**Há séculos, ensino ocidental prepara para competir, quando precisamos de cooperação; e privilegia saberes que nos distanciam da natureza, o que é alienante e trágico. Agora, a paralisação das aulas pode estimular uma mudança profunda**

Imagine mencionar William Shakespeare para um estudante universitário e descobrir que ele nunca ouviu falar a respeito. Você não acreditaria. Mas é comum e aceitável não saber o que é um artrópode, um vertebrado, ou ser incapaz de explicar a diferença entre um inseto e uma aranha. Ninguém fica embaçado quando uma pessoa “bem formada” não pode oferecer nem uma explicação primária sobre o efeito-estufa, o ciclo do carbono ou o da água, ou sobre como se formam os solos.

Todo este conhecimento é básico, assim como saber que Shakespeare foi um dramaturgo. Mas a ignorância sobre temas terrenos parece às vezes passar como um signo de sofisticação.

Amo Shakespeare, e acredito que o mundo seria mais pobre e mais triste sem ele. Mas sobreviveríamos. Os temas a respeito dos quais a maior parte das pessoas permanece ignorante são, ao contrário, assuntos de vida e morte.

Não culpo ninguém por não saber. É uma falha coletiva: um lapso gravíssimo na Educação, concebida para um mundo em que não vivemos mais. A forma como somos educados nos engana sobre quem somos e onde pisamos. A Economia ortodoxa, por exemplo, coloca a humanidade no centro da universo, e os limites do mundo natural ou são invisíveis, ou marginais, para os modelos.

Numa época em que precisamos urgentemente cooperar, somos educados para o sucesso individual contra os outros. Os governos nos dizem que o propósito da Educação é passar à frente dos demais, ou, coletivamente, das outras na-

ções. O sucesso das universidades é medido, em parte, pelos salários iniciais de seus graduados. Mas ninguém vence a corrida humana. O que somos induzidos a ver como sucesso econômico equivale à ruína do planeta.

Um número cada vez maior de pessoas rejeita, agora, esta abordagem sobre o ensino e sobre a vida. Uma pesquisa divulgada esta semana sugere que, na Inglaterra, seis entre cada dez pessoas gostariam que o governo priorizasse a Saúde e o Bem-Estar, em vez do Crescimento, quando superarmos as pandemia. Este é um dos resultados mais animadores de que tive notícia, nos últimos anos.

Penso que a Educação deveria abrir-se para fora, se quiser voltar-se para nossos principais desafios e objetivos. Não significa que possamos esquecer Shakespeare, ou abandonara as especulações sobre arte e cultura, mas que os temas cruciais para nossa sobrevivência precisam receber o peso merecido. Durante a quarentena, tenho feito algo com o que sonhei, por muito tempo: viver uma educação ecológica.

Não posso dizer que tenha sido fácil, ou que tudo tenha ido bem. Como milhões de pais já descobriram, há uma razão para que as pessoas passem por anos de educação especializada e treinamento, antes de se tornarem professores. Persuadir os filhos para que nos vejam num momento como pai e no instante seguinte como professor é um enorme desafio. Mas, ao trabalhar com crianças de oito e nove anos (minha filha mais nova e seu melhor amigo), comecei a descobrir que meu sonho não é inteiramente ridículo.

Não me refiro a ensinar ecologia como um tema isolado, mas sobre algo mais fundamental: colocar o ambiente e os sistemas da Terra no centro do aprendizado – assim como eles já estão no centro da vida. Fizemos um experimento com aprendizado a partir de projetos, tendo como centro o mundo vivo. Começamos construindo uma pintura gigante, composta de 15 painéis de formato A4. Cada um deles introduz um habitat distinto – dos cumes de montanhas ao oceano mais profundo e à cobertura florestal do solo, sobre os quais espetamos fotos de vida selvagem.

A pintura torna-se uma plataforma para explorar os processos e relações em cada ecossistema e as que atravessam o sistema terrestre como um todo. Estas, por sua vez, são chaves que abrem outras portas. Por exemplo, a ecologia das florestas tropicais conduz à fotossíntese, que con-

duz à química orgânica, aos átomos e moléculas, ao ciclo do carbono, aos combustíveis fósseis, à energia e eletricidade. As lontras marinhas conduzem às cadeias alimentares, às espécies cruciais a seus ecossistemas e aos desequilíbrios ecológicos.

Fizemos algum trabalho de campo sobre a ecologia dos solos, um tema extraordinário porém negligenciado, do qual toda a vida humana depende. É possível estudá-lo num quintal ou num parque. Ele abre as portas para princípios científicos básicos e design experimental, e conduz a vários aspectos de matemática e redação de textos.

Estamos agora construindo um cenário-modelo, para simular o ciclo da água, a dinâmica dos rios, a estratigrafia [estudo geológico das camadas de rochas], a erosão, a formação dos solos e os gradientes de temperatura. Estou deixando que, tanto quanto possível, as crianças dirijam o processo. Mas, devido à natureza circular dos sistemas terrestres, não importa de onde você comece: ao fim, você percorrerá todo o caminho. Como em muitas ocasiões anteriores, surpreendo-me pela afinidade natural entre a infância e o mundo vivo. As histórias que ele conta são fascinantes por si mesmas.

Não há nada de radical sobre o que estamos aprendendo. É uma questão de ênfase, mais que de conteúdo – de colocar no centro o que é mais importante. Talvez agora, em face da pandemia, tenhamos a oportunidade de repensar toda a base da Educação. Como autoridades locais já apontaram, em países como a Escócia, o aprendizado em áreas abertas pode ser a melhor forma de retomar as atividades educacionais, por permitir distanciamento físico. Ele conduz por si mesmo a um novo envolvimento com a natureza. Mas, apesar de anos de pesquisa demonstraram seus muitos benefícios, o financiamento para a educação em áreas abertas e o aprendizado peripatético é quase nulo.

É hora de um Grande Reset. Vamos usá-lo para um novo olhar sobre nós mesmos e nosso lugar na Terra. O conservacionista Aldo Leopold escreveu que “uma descobertas penosas de uma educação ecológica é que vivemos sozinhos num mundo ferido. Muitos dos danos infligidos à natureza são invisíveis para os leigos”. Mas se todos tiverem acesso à educação ecológica, não viveremos sozinhos, e este não será um mundo ferido.

**George Monbiot**

## 11 - Dia do Controle da Poluição por Agrotóxicos

Desde 2008, o Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo. 11 de janeiro é o Dia do

Controle da Poluição por Agrotóxicos, uma data super importante e que foi pensada pra conscientizar a população e os agricultores sobre os riscos do uso indiscriminado dos agrotóxicos tanto para o meio ambiente quanto pra nossa saúde. Vamos falar um pouco sobre eles? Os agrotóxicos surgiram com uma proposta diferente: uma arma química durante a Segunda Guerra Mundial, eram pulverizados por cima de regiões para intoxicar plantações e a população. Foi a partir da década de 1950 que eles passaram a ser usados para aumentar a produção de comida no mundo pós-guerra, evitando que as plantações sofressem com as pragas ou as ações climáticas. Nessa época, ficaram conhecidos como defensivos agrícolas, mas hoje já são chamados de pesticidas, praguicidas ou agroquímicos.

Ao longo dos anos, os agrotóxicos foram se modernizando, se transformando cada vez mais em agentes potentes contra as pragas. O problema

é que eles atingem também outros animais, como as minhocas, as abelhas, as plantas e, claro, os seres humanos. Também podem contaminar o solo e os lençóis freáticos. Alguns deles permanecem nos peixes e insetos até depois da morte, contaminando toda a cadeia alimentar. Os pesticidas ainda diminuem a eficiência do solo que precisam cada vez mais de fertilizantes. E, como todo “remédio”, os agrotóxicos estimulam que as pragas fiquem cada vez mais resistentes

O problema é mais complexo do que parece: ainda que a lei brasileira seja permissiva para o consumo desenfreado dos agrotóxicos, tanto a Anvisa quanto o governo culpam os agricultores pelo mau uso. Mas segundo a Larissa, para alguns tipo de agrotóxicos e inseticidas não há nem mesmo um limite máximo estabelecido por lei. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, um terço da comida que consumimos já apresenta agrotóxicos. O Pimentão é o alimento com maior taxa de contaminação, 91,8%. Mas é o Centro-Oeste, tomado pelas plantações de soja, o grande campeão no uso de pesticidas, consumindo mais da metade do volume de agrotóxicos comercializados no país, seguido do milho e da cana que, juntos, consomem 72% dos pesticidas do Brasil.

## Por que estudar o imperialismo hoje?



As teorias de Lênin, Rosa Luxemburgo e Kautsky. Os métodos para ampliar mercados e pilhar países periféricos. As oligarquias locais coniventes. A busca por um sistema híbrido: capitalista, feudal e escravocrata. Sua nova fase de “guerra permanente”

Reprodução Outras Palavras

O que é o imperialismo? Em diálogo com Rosa Luxemburgo, de *Acumulação do capital*, livro de 1913, o imperialismo é o vetor bélico-burocrático que superexplora e violenta os povos, principalmente da África, Ásia, América Latina, transformando, assim, a acumulação primitiva do capital em um vetor transversal do modo de produção capitalista, tendo em vista: a) a ampliação do mercado capitalista para regiões periféricas; b) sem deixar de se apropriar das matérias-primas importantes para o controle militar-monopólico do mercado ampliado; c) objetivando sempre a reprodução ampliada do capital, impossível de ser efetivada apenas por relações capitalistas de produção.

2. Para Karl Kautsky, em ensaio de 1914, intitulado *Ultraimperialismo*, o imperialismo é captura e ao mesmo a manipulação que os detentores do capital monopólico dos centros do sistema mundial capitalista fazem da renda diferencial da terra, ao associar-se com as oligarquias latifundiárias, com o propósito de violentar e de superexplorar os povos excluídos do direito sagrado à terra. Argumentou também que a tendência do imperialismo seria a de se transformar em ultraimperialismo, definindo este como um consórcio de países imperialistas que deixaria de guerrear entre eles depois que a partilha do mundo esti-

vesse realizada.

3. Em *Imperialismo: etapa final do capitalismo*, obra de 1916, Lênin o definiu, o imperialismo, como: a) forças extraeconômicas; b) associadas ao capital monopólico; c) misto de capital financeiro e industrial; d) que, armadas até os dentes, impõem e ao mesmo tempo disputam, mundialmente, o saqueio dos povos; e) forçando uma restrita hierarquização do desenvolvimento desigual e combinado; e) entre diferentes regiões do planeta; f) separando-as em centro e periferia; g) razão pela qual a etapa final do capitalismo, que é o imperialismo, é, também, o período de guerras permanentes.

4. Atualizando esses três imensos teóricos do imperialismo, com Rosa Luxemburgo, de 1913, objetiva-se que a acumulação primitiva, com o sangue dos povos, é a cara escarrada do capitalismo imperialista. Com Kautsky de 1914, o que se evidencia é que o imperialismo tem como eterno aliado, para vampirizar os povos, o que há de pior na história destes últimos: latifundiários, capatazes, capitães do mato, fanáticos, sectários, lúmpens. Com Lênin, de 1916, por sua vez, o que se precisa é: o imperialismo é etapa final do capitalismo. Com isso o líder da Revolução de Outubro incorporou, para além das diferenças, ao mesmo tempo a perspectiva de Rosa Luxemburgo e de Kautsky, a fim de nos mostrar que essa etapa final significa sem meias palavras o inferno integral dos povos.

5. Um traço comum em Rosa Luxemburgo, Kautsky e Lênin é: o imperialismo exporta capitais e guerras para as periferias do sistema, o que significa o retorno, no interior do modo de produção capitalista, do vetor precedente, o colonial.

6. Outro traço comum é: o imperialismo é uma particularidade que o capitalismo assumiu, com a emergência do Estado e capital monopólicos. Essa particularidade, no entanto, assume a seguinte configuração: os Estados imperialistas deixaram de ser, com a emergência do capital monopólico, Estados burgueses e se tornaram propriamente Estados imperialistas que disputam e ao mesmo tempo impõem relações desiguais capitalistas de produção aos povos do mundo, com o objetivo de se apropriar do excedente da reprodução ampliada do capital.

7. Assim, pois, como no capitalismo as relações sociais de produção são relações capitalistas de produção, no imperialismo emerge o que é possível chamar de relações imperialistas desiguais e interestatais de produção, que são um amálgama do colonialismo e do capitalismo, além do retorno híbrido de relações ao mesmo tempo capitalistas, feudais e escravistas de produção.

8. No plano da concorrência pela superexploração dos povos, surgem as relações interimperialistas, responsáveis objetivamente pela primeira e a segunda guerras mundiais. Após, no entanto, a segunda guerra mundial, as relações interimperialistas de concorrência pelo saqueio dos povos, transformaram-se em relações ultraimperialistas de produção, sob o domínio do Estado monopólico de EUA.

9. Diferentemente do que pensava Kautsky, a emergência do ultraimperialismo estadunidense não significou o começo de uma era de paz consensuada entre as potências imperialistas. Pelo contrário, a propósito, no livro *Pentagonismo: substituto do imperialismo*, escrito em 1967, seu autor, o ex-presidente da República Dominicana, Juan Bosch (ele mesmo golpeado por EUA), definiu o Pentagonismo como uma nova fase do imperialismo, marcada por guerras permanentes, tendo como epicentro o complexo militar/industrial/financeiro/cultural estadunidense.

10. O que Juan Bosch chamou, pois, de Pentagonismo, chamo de ultraimperialismo estadunidense, definido como ao mesmo tempo um metacolonialismo, porque retoma as formas coloniais de domínio dos povos; um metacapitalismo porque produz um capitalismo à sua imagem e semelhança, monopolizando a cadeia de valor em escala planetária; um metaimperialismo porque submete as potências imperialistas precedentes, sobretudo Alemanha, Inglaterra, França e Japão, ao mesmo tempo em que atualiza sem cessar as táticas e estratégias usadas pelos países imperialistas precedentes, monopolizando-as a seu favor.

11. O ultraimperialismo estadunidense é, pois, a fase final do imperialismo.

**Luis Eustáquio Soares**

## 17 - Aniversário da Emancipação do Ceará



Hoje politicamente e culturalmente forte, o Ceará teve o início de sua história marcado pela subordinação e obediência à potência de Pernambuco. Ligados institucionalmente pela Coroa Portuguesa, ambos os estados ainda eram tratados como capitânias hereditárias. Mas como o desabrochar de uma flor, os rumos cearenses foram contornados, ganhando novo horizonte: o europeu. Em 1799, com olhares voltados para a Revolução Industrial na Inglaterra, o Ceará comemorou sua emancipação, a qual é celebrada nesta quinta-feira, 17, 220 anos depois.

As amarras institucionais que ligava Ceará a Pernambuco perduraram por 119 anos. A partir de 1680, tudo o que era produzido na Terra da Luz deveria obrigatoriamente passar pela capitania pernambucana antes de ser exportada, aumentando assim o frete, o tempo de distribuição e os impostos embutidos. A responsável pela mudança de patamar da capitania do Ceará foi a Rainha Maria I, que em 17 de janeiro de 1799 decidiu pela emancipação. A integrante da família real depois passaria a ser ape-

lida de "a Piedosa" e de "a Louca", dando origem à famosa expressão "Maria vai com as outras", após ser declarada mentalmente incapaz e só sair à rua na companhia de suas damas.

O que motivou Maria a tal decisão foi a confluência de dois importantes fatores. Primeiro, com o declínio da pecuária no Ceará, a produção do algodão despontou. A relevância do produto foi tamanha que, à época, passou a ser chamado de "ouro branco", o qual conseguiu mexer nas estruturas econômicas do Estado. Tanto é que a capital foi transferida de Aquiraz para Fortaleza, até então, vila considerada o centro político da região.

A produção no período era voltada quase exclusivamente para Europa, que vivia as agitações da Revolução Industrial, sendo esse o segundo fator que influenciou a rainha. O levante europeu, concentrado na Inglaterra, impulsionou assim a fabricação de tecidos, o que demandou de algodão em larga escala. Desta forma, o Ceará conseguiu libertar-se do domínio pernambucano ao passo que pôde se favorecer de comércio lucrativo com os ingleses.

Em 2004, lei estadual determinou que fosse celebrado o Dia do Ceará em 17 de janeiro. Para comemorar a data este ano, o Governo do Estado realiza programação especial para esta quinta-feira em Aquiraz – a primeira capital cearense

Informar para educar - Educar para formar - Formar para transformar

## SALVA-VIDAS OU GUARDA-VIDAS



A nomenclatura de Salva-Vidas foi adequada para Guarda-Vidas, embora as duas estejam certas, essa modificação justifica a principal atividade que não é apenas o salvamento, mas o importante é a prevenção, pois norteia o trabalho do Guarda-Vidas porque o salvamento só ocorre quando a prevenção falhou.

Salva-Vidas associa-se aos equipamentos como, flutuadores, boias, coletes, botes e, foi na Inglaterra, no século XX que essa profissão surgiu.

Os requisitos necessários para o exercício são: ensino fundamental concluído, estar em dia com as obrigações eleitorais, não ter condenação criminal, idade mínima de dezoito e máxima de trinta e cinco anos, passar pelo processo seletivo.

Além disso, é preciso ter boa força muscular, capacidade pulmonar e de transpor barreiras, trabalhar em equipe, concentração, habilidade com esportes, determinação, paciência, disciplina, rapidez e responsabilidade.

A função do Guarda-Vidas é também de alertar quem apresenta atitudes que ofereçam riscos, orientar pais ou responsáveis sobre medidas de segurança, alertar o poder público ou privado sobre condições de higiene das piscinas ou locais usados para a prática de natação seja recreativa ou profissional, sinalização, funcionamento de equipamentos e solicitar providências havendo qualquer situação de irregularidade que possa provocar afogamentos e acidentes que coloquem vidas em risco.

Infelizmente nem sempre as pessoas entendem que o alerta não é para cercear direitos de ir e vir do cidadão, mas sim garantir uma estrutura mínima e segura quer seja profissional ou lazer.

As condições que aperfeiçoam essa atividade devem ser garantidas pelo governo investindo no quadro de funcionários, com boa remuneração, condições básicas e benefícios que aprimorem esse trabalho, promover concursos públicos que garantam contratações de profissionais, pois trabalham horas em situação de riscos, debaixo de sol e submetidos à insalubridade e, garantir a eles uma aposentadoria especial, afinal, afogamento é uma das maiores causas de morte acidental no Brasil.

Esses homens, além dos salvamentos aquáticos em piscinas, rios, mares, represas e lagos fazem também salvamentos terrestres, em

alturas, prestam os primeiros socorros e utilizam procedimentos adequados para situações de emergências.

Para tanto, é necessário ter olhos de águia, agilidade de um felino, braços hábeis, coragem, solidariedade, senso de coletividade e comprometimento com o outro.

Recebem uma formação que envolve bom treinamento para nadar, técnicas de massagem cardíaca, respiração, oceanografia, agilidade, cuidados no salvamento e equilíbrio para agir com o socorro, pois durante um resgate ou possível afogamento, alguns segundos podem significar uma vida.

O mercado desse trabalho está em crescimento e somente em 2011, o Congresso Nacional aprovou o projeto de lei que determina a presença de Salva-Vidas em piscinas de clubes, condomínios, academias, hotéis e parques aquáticos.

Nos condomínios essa lei foi julgada desnecessária e entraram com recurso adiando essa decisão, no entanto de acordo com a SOBRASA – Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático, em 2013/2014 baseados em dados alarmantes, que o afogamento era a segunda maior causa de morte entre crianças de nove a quinze anos de idade, com mais de 50% desses óbitos em piscinas.

Mediante aprovação do projeto de lei, ficou determinado que os Guarda-Vidas trabalhassem uniformizados, que ficassem visíveis ao público em cadeira especial a uma altura de 1,8m acima dos banhistas e devidamente equipados.

A regulamentação das piscinas de uso coletivo e a obrigatoriedade da presença do Guarda-Vidas são regidas por leis estaduais e que possuem especificidades de acordo com cada unidade federativa.

Uma das características importantes dessa profissão além da técnica é manter diariamente o condicionamento físico, o psicológico e emocional, pois se não estiverem devidamente preparados pode ocorrer uma fatalidade, afinal, água não é brincadeira, embora os acidentes aconteçam muitas vezes nos momentos de diversão, porém no salvamento o Guarda-Vidas tem que nadar por ele e pela vítima.

As maiores probabilidades de ocorrências são:

- . Pisos escorregadios
- . Brincadeiras de luta corporal
- . Mergulhos de cabeça
- . Banhistas alcoolizados
- . Sucção dos ralos
- . Grade de ralos com defeito
- . Cortes com objetos quebrados dentro de piscinas

Que bom ter esses profissionais dedicados a “Salvar Vidas”, pois graças a eles pessoas que foram socorridas com eficiência, puderam continuar a realizar seus sonhos.

- Disque 193

**Genha Auga**

**Jornalista MTB: 15.320**

## A pandemia da Covid-19 e o capitalismo sem maquiagem

Em momentos de grandes crises, o capitalismo se desnuda por inteiro, aparece, sem maquiagem, sua essência de exploração, de desigualdades, de total incapacidade de fazer partilhar as conquistas da ciência com o conjunto da humanidade. A dimensão da solidariedade é esmagada pelo exclusivismo que assegura a poucos o direito à vida, que deve ser de todos e todas.

É o que revelam as manchetes de jornalões insuspeitos de serem adeptos do esquerdismo. Países ricos, dizem as notícias, já estocaram, por meio de contratos, vacinas contra a Covid-19 seis vezes superiores às suas populações, enquanto os países pobres somente as terão em pequenas quantidades e lá no final da fila.

A pandemia que envolveu o planeta numa crise múltipla – econômica, sanitária e social – aumentou as desigualdades e alargou a distância em termos de nível de desenvolvimento entre países do centro capitalista e pobre, ou em desenvolvimento. Em relação à pandemia, o que se viu foi a corrida desenfreada por respiradores, máscaras e outros insumos, com as grandes potências confiscando e monopolizando os estoques, deixando o demais à mingua.

Outro fato é a cruzada contra as ciências, a negação da gravidade da doença, levada à cabo, por vertente política capitalista, reacionária, de país a país, com matrizes neofascistas. Donald Trump nos Estados e Jair Bolsonaro no Brasil, para ficar só com dois exemplos, respaldados por setores da plutocracia dos respectivos países, com o negacionismo agravam a dimensão da tragédia sanitária.

Milhares de vida poderiam ter sido poupadas se no exemplo em tela esses dois presidentes não tivessem se destacado pela negligência e irresponsabilidade no combate à Covid-19. Bolsonaro vai além quando neste momento, na prática, faz campanha contra a vacina e protela ao máximo o acesso a ela.

É claro que felizmente tivemos exemplos de solidariedade entre as nações, como é caso de China, Rússia, Cuba, entre outros, que buscaram cooperar de diversas formas. Há que se destacar também o papel da Organização Mundial da Saúde (OMS), durante atacada por Trump, com um trabalho incansável de combate à pandemia e apoio aos países pobres.

Destaca-se, nesse sentido, a iniciativa Covax Facility, consórcio mundial criado para impulsionar o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19, liderado pela OMS. Trata-se de uma ação global que reúne governos e fabricantes para garantir que as eventuais vacinas cheguem aos mais necessitados. A iniciativa conta com recursos financeiros e científicos para garantir vacinas bem-sucedidas de uma forma econômica e acessível a todos os países.

A vergonhosa assimetria de acesso à vacina entre países ricos e pobres será um novo capítulo do aumento do fosso do nível de desenvolvimento entre as nações e irá escancarar a essência cruel, desumana do capitalismo, quando impõe um apartheid, dividindo os seres humanos em pessoas de primeira e segunda categoria.

**Fonte:** Blog do Renato





## A açucarada língua portuguesa:

### Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI

CONTINUAÇÃO DA EDIÇÃO ANTERIOR

Autora: Cristine Gorski Severo



É justamente para compreender a evolução histórica do tema e das significações que o compõem que é indispensável levar em conta a apreciação social. A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do

horizonte apreciativo de um dado grupo social e a evolução do horizonte apreciativo - no sentido da totalidade de tudo que tem sentido e importância aos olhos de um determinado grupo - é inteiramente determinada pela expansão da infraestrutura econômica.

Tal motivação produz efeitos sobre as escolhas linguísticas e a constituição da norma linguística (Wenreich, Labov, Herzog, 1968/2006). O presente artigo, portanto, ao fazer um levantamento histórico e contemporâneo de avaliações sobre a dimensão adocicada da língua portuguesa visa demonstrar como tais avaliações sustentam e legitimam a mercantilização da língua portuguesa em tempos atuais. Muito embora outras avaliações sobre a língua portuguesa tenham sido amplamente difundidas e reiteradas historicamente, como a depreciação da variedade popular brasileira falada por escravizados e ex-escravizados nos séculos XIX e XX (Lima, 2003; Petter, 2001), o presente artigo focará a atribuição de uma valoração específica à língua portuguesa. Acredita-se que a avaliação adocicada da língua falada no Brasil revela sentidos coloniais que são reiterados em práticas políticas contemporâneas, em que a língua portuguesa é tomada como mercadoria. A perspectiva histórica proposta no artigo permite a afirmação crítica de que tais avaliações não são neutras, mas emergem no contexto colonial de exploração da cana-de-açúcar e se atualizam nos discursos modernos.

1. Gilberto Freyre, o lusotropicalismo e a empreitada colonial açucareira

Este artigo explora o papel dos significados adocicados atribuídos à língua portuguesa na sua mercantilização moderna. Considera-se que o valor adocicado atribuído à língua portuguesa tem suas raízes na empreitada colonial açucareira centrada na colonização portuguesa. Tais raízes justificam a presente seção em que se explora uma visão histórica da formação colonial brasileira centrada no dispositivo de produção de açúcar, conferindo atenção especial às ideias de Gilberto Freyre. Argumenta-se que o processo histórico de mercantilização da língua portuguesa ocorre por vias da sua valoração como sendo adocicada. Essa valoração se funda nas complexas relações econômicas coloniais.

A noção freyreana de lusotropicalismo refere-se a uma certa abordagem das especificidades da colonização Portuguesa - em detrimento das demais colonizações - nos trópicos, tendo o Brasil como alvo de sua análise. Nesse contexto, o autor de Casa Grande e Senzala (1933) procura justificar, com argumentos históricos, a habilidade portuguesa quase natural para colonizar os

trópicos, o que se revelaria em suas qualidades adaptativas, plásticas, móveis, amigáveis e não racistas. Tais qualidades justificariam a sua espontânea inclinação à miscigenação e a sua natureza multirracial e pluricontinental. Tais atributos seriam resultado do processo de formação do povo português, afetado por uma história de guerras em um contexto geográfico estratégico, entre a Europa e a África, fato que justificaria uma "antropologia mista desde remotos tempos" (Freyre, 1933, p.278). Com isso, na tentativa de desenhar uma estética do corpo colonizador português em terras brasileiras que revelasse a sua tendência "natural" para a miscigenação, Freyre sugere um certo fenótipo: "Homens morenos de cabelo louro. Esses mestiços com duas cores de pêlo é que formaram, ao nosso ver, a maioria dos portugueses colonizadores do Brasil, nos séculos XVI e XVII" (p.279).

Outro traço característico da colonização portuguesa seria a sua gerência latifundiária e aristocrática. O modelo latifundiário teria sido herança da postura assumida pela Igreja Católica peninsular em relação às terras após as guerras de reconquista contra os mouros, tornado-se proprietária, com base em sua força militar, de grandes latifúndios. Coube à Igreja a criação de um modelo inicial de administração destas terras: "A colonização latifundiária e semifeudal mais tarde aplicada ao Brasil teve seu começo em Portugal, nessa colonização semi-eclésiástica." (Freyre, 1933, p.282).

Já as sementes do perfil colonial português escravocrata e polígamo teriam sido lançadas na escravização de mouros e moçárabes, por cristãos latifundiários, em terras lusitanas. Além disso, as bases técnicas do grande engenho de açúcar também seriam herança da presença moura em terras lusitanas: "O mouro forneceu ao colonizador do Brasil os elementos técnicos de produção e utilização econômica da cana." (Freyre, 1933, p.287). Além da técnica, curiosamente, Freyre atribui aos portugueses colonizadores alguns traços de comportamento também herdados dos mouros e de seus descendentes, como a (suposta) "doçura no tratamento do escravo" (p.296) e o "gosto de carne" (p.300) presente nas práticas de devoção (proximidade do devoto com o santo) e nas representações do cristianismo português (imagens religiosas nuas e belas).

Mais especificamente sobre a grande empreitada econômica colonial, centrada na monocultura latifundiária de produção de açúcar, trata-se de um dispositivo complexo de relações de poder. Se, por um lado, o grande ciclo da cana-de-açúcar substituiu e abafou o ciclo do pau-brasil, por outro lado, propiciou o cultivo da policultura e pecuária, além de mobilizar de forma maciça o mercado da escravização.<sup>4</sup> Além disso, a organização arquitetônica, distribuição espacial e circulação das pessoas na/entre casa-grande, senzala e capela, com suas devidas funções hierarquizadas, giravam em torno de um poder patriarcal e polígamo: "Os senhores das casas-grandes representaram na formação brasileira a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido de estabilidade patriarcal" (Freyre, 1933, p.44). A empreitada açucareira foi engenhosa na instauração de um modelo de relações econômicas que produziu e naturalizou, como efeito, cisões, diferenciações e exclusões sociais, raciais e regionais, como se

percebe nesta menção ao índio brasileiro: "O açúcar matou o índio. Para livrar o indígena da tirania do engenho é que o missionário o segregou em aldeias" (p.229), ou na seguinte referência feita ao negro escravizado: "Foi, aliás, em que se fundou a colonização aristocrática do Brasil: em açúcar e em negros" (p.341).

Na obra de Gilberto Freyre, as diferenciações sociais e raciais operavam mediante um sistema perverso que combinava formas autoritárias e formas plásticas e maleáveis de exercício do poder. Trata-se, usando termos foucaultianos (1977/1999), de duas faces do poder, uma impositiva, jurídica, negativa, e outra plástica, adaptável, produtiva. Tal dimensão plástica e produtiva se revela nas designações freyreanas da empreitada colonial: "Adaptável", "sutil", "móvel", "plástica": eis como Gilberto Freyre caracteriza a empresa colonial no Brasil" (Lopes da Silva, 2006, p.6). Muito embora Freyre teça elogios conservadores a tal dinâmica como algo que diferenciaria e singularizaria o colonizador português diante de outros europeus, há que se considerar uma dinâmica perversa e polimorfa do poder que se revela, fundamentalmente, na atribuição à miscigenação de um valor "generoso" e "amigável" da colonização portuguesa.

O grande investimento na indústria açucareira foi o auge da empreitada colonial, sendo motivado por interesses comerciais portugueses nos séculos XVI e XVII, conforme se lê na epígrafe do presente artigo, além de interesses políticos da coroa portuguesa por conservar suas terras no continente americano. Tratou-se de um período de imensa riqueza e ganhos, conforme sinalizado pelo economista brasileiro Celso Furtado (1959/2005, p.52): "A indústria açucareira era suficientemente rentável para autofinanciar uma duplicação de sua capacidade produtiva cada dois anos", embora 90% dos rendimentos com a empreitada açucareira ficassem nas mãos dos senhores de engenho portugueses. O valor do açúcar no mercado europeu do século XVI também foi objeto de descrição do historiador Caio Prado Junior (1942/1972, p.28): "Tome-se o caso do açúcar, que embora se cultivasse em pequena escala na Sicília, era artigo de grande raridade e muita procura."

Tratava-se de uma lógica capitalista mercantil que alimentava o mercado europeu de matéria-prima, sendo que a comercialização do açúcar português, sob o apoio dos holandeses, teria desestabilizado o domínio dos venezianos da região. Ademais, após a recuperação da autonomia política em 1640 em relação à tutela espanhola, século XIX pelo Brasil como um dos preços a serem pagos por sua independência (Furtado, 1959/2005).

Conforme visto, a colonização portuguesa no Brasil caracterizou-se, prioritariamente, pela exploração agrária com fins comerciais, em detrimento da povoação (Prado Júnior, 1942/1972), o que explicaria o tardio surgimento de universidades na América portuguesa, diferentemente da colonização espanhola que, na sua empreitada colonial, construiu, em 1538, a Universidade de São Domingos, seguida por outras universidades em Lima, Cidade do México, Bogotá, Cuzco, etc.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

## Felicidade: A maior droga do século XXI



Como a obsessiva busca pela felicidade vem nos tornando seres cada vez mais infelizes.

O que é ser feliz? Talvez seja algo um pouco complicado de se definir. Se você pudesse perguntar a várias pessoas o que é ser feliz, provavelmente iria obter várias respostas diferentes. Isso não seria de grande surpresa, afinal, creio eu, felicidade é um conceito que envolve um altíssimo grau de subjetividade. Não é incomum escutar por aí que “vimos a esse mundo para sermos felizes”. Por muito tempo, quando eu escutava isso, era sempre consumido pela ideia de que felicidade era algo que precisava ser encontrado, estava escondido em algum lugar, precisava achar onde estava essa bendita, a qualquer custo. Se você pesquisar no Google pela palavra felicidade vai encontrar:

Qualidade ou estado de feliz; estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar.

Por simplicidade, creio eu, acredito que a primeira definição é, por mais genérica que seja, a mais próxima do que a maioria das pessoas venha a acreditar que seja a danada da felicidade. Até aqui nenhum problema, parece razoável acreditar que essa plenitude oriunda desse sentimento seja algo bom.

O problema começou, quando em algum momento, começamos a acreditar que precisávamos estar felizes o tempo todo. Em algum momento, um marketing foi feito em cima desse conceito de felicidade, e começou a se instaurar um crença, na minha opinião bastante disfuncional, de que estar feliz era uma espécie de “obrigação”. Como se esse fosse o estado normal e aceitável de um indivíduo.

A busca se tornando uma fuga da realidade

Toda essa “imposição” acaba por se tornar um martírio. Sabemos que a vida real é extremamente dinâmica, feita de altos e baixos, e cheia

de suas próprias dificuldades e imprevistos. Essa crença de ter que estar sempre com um sorriso no rosto, começa a se tornar uma depressão, um desespero, simplesmente porque na prática, nós, meros mortais, não conseguimos esse feito. Como pode isso? Aceitar que a vida é feita de amarguras e tristezas, e de bastante dor. Parece ser algo terrível e insuportável. O marketing sobre a felicidade cria essa ideia de que é preciso estar bem e sorridente o tempo todo, e com isso passamos a nos sentir mal, simplesmente pelo fato de nos sentirmos mal.

Um evidência disso pode ser constatada em um comportamento comum e extremamente corriqueiro. Quando te perguntam (isso é, quando perguntam) se está tudo bem, muito provavelmente damos aquela resposta genérica “Tudo bem sim!”, com um sorriso amarelo e nervoso no rosto. Não me entenda mal, todos temos nos problemas, a vida em si já é bem difícil. Não que você vá descarregar todas as suas mágoas e frustrações reprimidas em todo mundo, mas por que a simples a ideia de expressar a tristeza ou o mal estar parece ser algo tão desagradável ao ponto de gerar aversão?

Isso me lembra muito um livro de ficção científica que gosto muito, Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, publicado originalmente em 1932. Algo que chama bastante atenção no livro é o uso de um medicamento chamado Soma, por toda a população. Esse medicamento atua reduzindo a ansiedade, estresse e outros sentimentos desagradáveis dos personagens, deixando-os bastante letárgicos e alegres. O problema com isso, é que o com o passar do tempo, percebemos, uma completa falta de capacidade do indivíduos em lidar com sentimentos completamente naturais, como a tristeza, angústia, decepção, rejeição e dor. O autor, na minha opinião um visionário, parecia já observar esses traços comportamentais na sociedade e dessa visão disfuncional que temos sobre felicidade.

Felicidade uma doença que está na moda

Essa visão marqueteira de felicidade, acaba fazendo que tenhamos aversão a qualquer coisa que possa soar com “negativa”. Criamos uma compulsão por fazer qualquer coisa que acreditemos, que de algum modo, nos tornará mais felizes. Uma coisa que em minha opinião favoreceu drasticamente o crescimento desse comportamento, foram as redes sociais.

Falo como uma pessoa que também sofre desse mal, e pasmem, sou da área de tecnologia! Não tenho dúvida que possuem um aspecto positivo de conectar pessoas, mas a ciência vem mostrando através de estudos, que elas contribuem

bastante para o crescimento da ansiedade e da sensação de querer vender sempre a imagem de uma vida repleta apenas de coisas boas, como pode ser lido no artigo “Impact of Social Media on Social Anxiety: A Systematic Review”. Essa visão preocupante da felicidade compulsiva já vem de algum tempo, inclusive já houveram propostas para configurá-la como uma doença já em 1992 como pode ser lido no artigo “A proposal to classify happiness as a psychiatric disorder”.

É estranhamente bizarro como gostamos que vender apenas o lado bom de nossas vidas, e o quanto tentamos ao máximo enganar aos outros e talvez a nós mesmo de que o mundo é uma grande maravilha, repleta apenas de coisas boas, e de como é fácil manter essa aparência de felicidade constante.

A (real?) busca pela felicidade

Bem, aqui vai uma opinião totalmente pessoal, acho primeiramente que a felicidade não pode ser buscada, ela é uma recompensa natural. Eu acredito que o vazio existencial que nos circunda, e que erroneamente tentamos preencher com essa busca compulsiva pela felicidade, se dá pela necessidade de dar um sentido a nossa existência.

O que você quer não é ser feliz, o que você quer é um PROPÓSITO. E estar alinhado a esse propósito é algo difícil, primeiro porque exige um altíssimo nível de conexão sua consigo mesmo, segundo porque você muito provavelmente vai errar muito até encontrá-lo.

Mas deixa eu te dizer uma coisa, tá tudo bem ser assim.

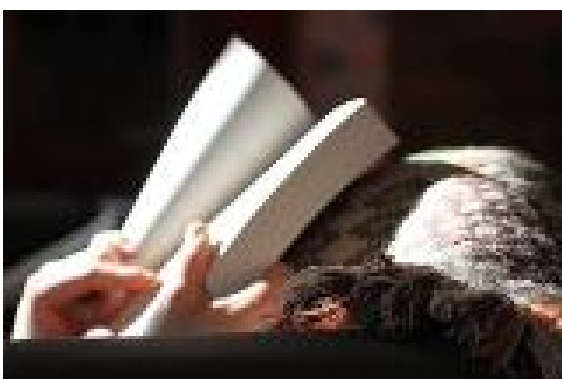
Acredito que, partir do momento em que você está alinhado com seu propósito, você atinge a plenitude da sua essência. E tendo isso em mente, eu particularmente redefino felicidade como:

Recompensa natural dada ao indivíduo por estar em alinhado com sua essência, sensação de bem estar por ter alcançado seu propósito.

Tento levar essa crença comigo, incorporando-a aos poucos no meu ser. É um trabalho diário e difícil. Principalmente quando somos bombardeados constantemente com essa busca disfuncional pela felicidade, que nos conduz a preencher nossos vazios com vícios, e nos fazem entrar em estado de êxtase momentâneo, tirando um pouco do peso e da frustração de aceitar que nem sempre dá pra estar com um sorriso no rosto.

**Pedro Buarque**

## 07 - Dia do Leitor



Esta é uma data dedicada às pessoas que são apaixonadas pela literatura, ou seja, que amam livros!

Ninguém nasce sendo um leitor. O interesse pela literatura é algo que se desenvolve no ser humano através dos anos, a partir de influências positivas relacionadas ao ato de ler.

O hábito da leitura é importante para exercitar as capacidades de comunicação, interpretação e de cognição das pessoas.

A literatura ainda é celebrada no Brasil em outras datas ao longo do ano, como o Dia da Literatura Brasileira, comemorada anualmente em 1 de maio; e o Dia Nacional do Livro, em 29 de outubro.

Origem do Dia do Leitor

O Dia do Leitor foi criado em homenagem à fundação do jornal cearense “O Povo”, criado em 7 de janeiro de 1928, pelo poeta e jornalista Demócrito Rocha.

Neste jornal, que ficou conhecido por combater a corrupção e divulgar fatos políticos, existia um suplemento chamado “Maracajá” que se tornou um espaço de divulgação do movimento modernista literário cearense na época.

As obras de Demócrito Rocha são de grande importância para a cultural regional. O autor pertenceu à Academia Cearense de Letras, enquanto era vivo.

## Relembrando a Primeira Intifada



No dia (8 de Dezembro), há mais de três décadas, a Primeira Intifada irrompeu na Palestina ocupada, um levante que durou cinco anos consecutivos e vivenciou a morte de milhares de palestinos. Não obstante, a luta por liberdade do povo palestino continua ainda hoje.

**O quê:** Primeira Intifada

**Quando:** 8 de dezembro de 1987 – 13 de setembro de 1993

**Onde:** Palestina ocupada

**O que aconteceu?**

O levante ocorreu no contexto de vinte anos da ocupação israelense sobre os territórios palestinos da Cisjordânia, Faixa de Gaza e Jerusalém Oriental. Israel dominava as terras palestinas ocupadas com mão de ferro, ao impor toques de recolher abusivos e conduzir rotineiramente invasões, prisões, deportações e demolições de casas.

Após centenas de palestinos testemunharem a morte de quatro homens, atropelados por um jipe israelense nos arredores do campo de refugiados de Jabalya, em Gaza, no dia 8 de dezembro, a indignação diante da situação ganhou dimensões sem precedentes. Os funerais das vítimas contaram com a presença de aproximadamente 10.000 pessoas, que foram forçadas ao luto ainda outra vez no dia seguinte, quando tropas israelenses dispararam a esmo contra uma multidão, resultando na morte de Hatem Abu Sisi, de 17 anos, e dezesseis feridos.

Enquanto os líderes palestinos se reuniam para debater a escalada de tensões, protestos e confrontos eclodiram dentro dos campos de refugiados e espalharam-se rapidamente por toda a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Os palestinos tomaram controle de bairros inteiros e ergueram barricadas em estradas para impedir o acesso de veículos militares israelenses. Em maioria desarmados, os palestinos defenderam a si mesmos ao atirar pedras contra soldados treinados e seus tanques de guerra. Comerciantes fecharam seus negócios e trabalhadores promoveram greves em todo o território ocupado por Israel.

O Exército de Israel definiu as ações como “motim” e mobilizou-se agressivamente para reprimir os protestos, ao disparar balas de borracha, munição real e gás lacrimogêneo contra multidões de civis. O protesto cresceu e reuniu

dezenas de milhares de pessoas, incluindo mulheres e crianças. Em 12 de dezembro, seis palestinos foram mortos e 30 outros foram feridos pela violenta repressão israelense. Aqueles que se insurgiram contra as injustiças de Israel eram parte de uma geração criada nas sombras da brutal ocupação militar e suas subseqüentes ruínas. A oportunidade de marcar posição contra as violações de seus direitos não seria perdida.

À medida que os protestos não mostravam qualquer sinal de dispersão, Israel passou a utilizar prisões em massa como parte dos esforços para dissuadir a população civil de manifestar-se. Universidades e escolas na Cisjordânia foram fechadas; segundo a professora Wendy Pearlman, toques de recolher foram aplicados 1.600 vezes somente no primeiro ano do levante. Fazendas e casas palestinas foram destruídas, árvores foram arrancadas e manifestantes que recusaram-se a pagar tributos tiveram suas propriedades e alvarás residenciais confiscados. Colonos israelenses também lançaram ataques regulares contra os palestinos; estes atiravam pedras em autodefesa e enfrentavam como resposta a terrível brutalidade colonial. Somente no primeiro ano, 300 palestinos foram mortos, além de 20.000 feridos e 5.500 detidos por Israel, segundo a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA).

O ramo suíço da organização Save the Children estimou que “23.600 a 29.000 crianças passaram a depender de tratamento médico por ferimentos causados por agressões nos primeiros dois anos da Intifada” – um terço das quais menor de dez anos de idade.

Registros de imagem tiveram um papel fundamental na percepção da Intifada pela comunidade internacional, exposta a assimetria entre civis palestinos desarmados e a brutalidade dos soldados israelenses. Um vídeo em particular causou indignação em 1988, quando oficiais militares de Israel foram flagrados espancando e quebrando os braços de dois adolescentes palestinos, deliberadamente. A imagem de Israel como bode expiatório, uma nação judaica cercada por vizinhos árabes hostis, pouco a pouco caiu por terra.

**O que aconteceu a seguir?**

A partir de 1988, os líderes palestinos conduziram esforços coordenados para assumir o controle sobre a situação ainda em escalada. Na época, Yasser Arafat, líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que residia na Tunísia, tentava tomar as rédeas da situação e trabalhar junto às Nações Unidas. Tais esforços foram muito pouco exitosos; ao contrário, o movimento de resistência islâmica Hamas, recém criado, ganhou força na Faixa de Gaza, ao apresentar-se como alternativa à OLP, dominada pelo partido Fatah. O Hamas exortou os palestinos a aderir aos princípios básicos de sua luta nacional, sobretudo, a libertação da Palestina. O movimento encorajou ataques contra Israel conduzidos por combatentes da resistência palestina, algo que Tel Aviv utilizou para justificar perseguições ainda mais violentas contra civis palestinos, nas décadas porvir.

**Hora de rasgar os acordos de Oslo**

Após o falecido Rei Hussein da Jordânia cortar todos os laços econômicos e administrativos com a Cisjordânia, em 1988, a ausência de um estado-nação para o povo palestino enfim chegou às manchetes. Conforme prosseguia o massacre, apelos por um estado palestino independente tomaram volume. No mesmo ano, o Conselho Nacional Palestino, instituição de governo estabelecida no exílio, consentiu com a chamada solução de dois estados, contemplada previamente por uma resolução da ONU de 1974.

Porém, a violência continuou e, em 1989, ao menos 285 palestinos foram mortos pelas forças de segurança israelenses, além de 17 assassinados por colonos judeus. No mesmo período, 19 civis israelenses e seis membros das Forças de Defesa de Israel (FDI) foram mortos. Entre 1989 a 1990, os Estados Unidos mantiveram uma posição de veto no Conselho de Segurança para qualquer resolução que reagisse às violações de direitos humanos ou não-cumprimento dos termos da Quarta Convenção de Genebra, por parte de Israel.

Foi apenas em 1991, quando Estados Unidos convocaram a Conferência de Madri e anunciaram reconhecer a OLP como “único representante legítimo” do povo palestino, que Israel enfim foi levado à mesa de negociação. Conversas secretas entre a OLP e Tel Aviv, incitadas pela Noruega, ocorreram no ano seguinte e eventualmente culminaram nos Acordos de Oslo.

O tratado então consentido reivindicava um período transicional de cinco anos, durante o qual as forças israelenses deveriam retirar-se dos territórios ocupados, para dar lugar à Autoridade Palestina e pavimentar o caminho para um estado independente. O acordo foi assinado no jardim da Casa Branca, em setembro de 1993, pelo Primeiro-Ministro de Israel Yitzhak Rabin e Yasser Arafat, mediado pelo Presidente dos Estados Unidos Bill Clinton.

Os esforços de paz ganharam as manchetes por todo o mundo, mas o plano de fundo das negociações políticas ainda era a violência em curso. Quando terminou a Intifada, em 1993, quase 1.500 palestinos e 185 israelenses haviam sido mortos; mais de 120.000 palestinos foram presos. As baixas e a brutalidade absolutamente desproporcionais sobre o lado palestino provocaram repúdio internacional generalizado, que influenciou o Conselho de Segurança da ONU a esquematizar as resoluções 607 e 608, que exigem o fim da política israelense de expulsar os palestinos de suas terras.

Embora, aos olhos dos historiadores, a Intifada tenha importância por despertar o chamado processo de paz, três décadas depois, a promessa permanece não cumprida. Oslo demonstrou ser outra falsa alvorada; a ocupação e os assentamentos ilegais de Israel investiram contra os as terras e os direitos palestinos como nunca antes. A Primeira Intifada, na verdade, jamais terminou. Os palestinos insistem em resistir, diante da opressão e tirania da ocupação militar israelense.

**Hanaa Hasan**

## 18 - Dia Internacional do Riso

Este dia chama a atenção para a importância de rir. O riso é um comportamento humano que traz bem-estar às pessoas. Por isso, neste dia deve rir o mais que puder; quer na companhia dos amigos, trocando-se anedotas e episódios engraçados; quer sozinho, em casa a ver as suas comédias preferidas ou a ler um livro engraçado.

tas e episódios engraçados; quer sozinho, em casa a ver as suas comédias preferidas ou a ler um livro engraçado.

**Mensagens para o Dia Internacional do Riso**

Rir mais é viver mais e melhor.

Rir é o melhor remédio (e é de graça).

## Outono triste em cárcere



Esgotam-se os ansiolíticos nas farmácias. “Vende-se” por toda a cidade. Netuno parece furioso — e envia outra tempestade. Na marginal, um grito: sou todos os mortos da pandemia. Tão perto da vacina, o inverno se aproxima — e encurtará futuros

À noite, ouve-se no prédio um choro baixo, recorrente, longo. A respiração das casas-de-banho melhor propaga o som, e consigo entender certo soluço cansado, a voz feminina sem mais ninguém. Cresci neste prédio, ainda assim, sei mal quem são as pessoas, o que podem sentir, como são, não imagino sequer suas profissões e não prefiguro seus problemas. Nunca entrei em um só apartamento vizinho. Em 30 anos, eu nunca passei de alma porta que não fosse a minha. Conheço o nome de algumas mulheres e o de um homem. De resto, conheço as caras e cumprimento com a educação habituada de sempre. Seguem todos para os andares acima como se seguissem todos para uma indefinição comum que os generaliza. De qualquer modo, intriga-me a tristeza de alguém que me parece ao abandono, e junto isso ao disfórico deste outono que piora a passos largos.

Há dias, passava pela marginal um homem de braços estendidos no ar como os fantasmas. Dizia que era os mortos da pandemia. Não apenas um morto, mas os mortos todos, como uma representação simbólica das mais de um milhão e duzentas mil pessoas que sucumbiram no mundo inteiro. Quem passava na marginal ouvia aquela declaração louca e não sorria. Lembro o que comentava uma amiga psicóloga há umas semanas, que esgotou no mercado um calmante muito popular, o Victan, e que os níveis de ansiedade estão altíssimos, é possível que muita gente já vá descontrolada pela casa. Muita gente vai sair descontrolada à rua.

Netuno tem estado furioso. As ondas começaram a levantar assustadoramente. Vazaram os barcos do mar. Desapareceram suas luzes ao fundo e as noites sobem o barulho das marés. Bem digo ao meu cão para se despachar, mas ele funga nas esquinas como se estivesse a ler livros com detalhe. Antes de fazer chichi, o Crisóstomo estuda preocupadamente todos os lugares, todos os dias e levanta a pata com uma precisão importante. Há sempre alguém a

espiar o mar, como a medir o perigo. Numa noite, até já chovendo miudinho, estava na meialaranja um pescador a ver ao longe que me disse: aquilo é uma tromba de água. É gigante. Se vier para terra vai estragar carros e casas. Vi-se no débil luar como havia um temporal por sobre as águas. Eu respondi que era melhor fugirmos embora. E ele agarrou-se novamente à amurada e inclinou para o horizonte a ver melhor o tamanho da tempestade e do medo. Quando entrei com o Crisóstomo em casa, abateu-se sobre as Caxinas uma chuva espessa, violenta, a lembrar o que diziam os pescadores no café dos meus pais quando eu era menino: vai chover até navegarem os barcos pelas ruas. Deus vai decidir que o mar inunde tudo até a morte.

Puseram um barco feito de cruces na marginal, uma escultura de metal que representa os mortos, os naufragos, o medo. As pessoas das Caxinas, habituadas e cheias de temor, toleram a estética fúnebre de um jeito que me surpreende. Está aquele barco fantasmagórico a enferujar. Chega a abrir buracos, apodrecido pelo salitre, pela umidade de estar tão diante da praia. Alguém ali prende flores, às vezes com escritos e preces, exatamente como fazem aos jazigos e aos monumentos pelos mortos. Ao lado do abrigo onde antes da pandemia os velhos jogavam cartas, o navio morto dos mortos é um pouco do cemitério das Caxinas encachado na marginal. Acho tétrico. Tenho-lhe medo.

Um vendedor de uma Imobiliária desabafou comigo que em setembro venderam apenas dois imóveis contra 14 do mesmo mês em 2019. Foram embora os compradores estrangeiros, sobram os portugueses amedrontados e prudentes. O mercado vai rebentar mais à frente. Quem tem dinheiro vai esperar. Uma amiga arquiteta que recupera algumas casas para vender avisou: o que tem valor agora não é a casa, porque casas vão haver muitas para vender. O que tem valor é o dinheiro, porque quase ninguém vai ter dinheiro para comprar. Pelas janelas das Caxinas multiplicam-se os anúncios de venda. Em janeiro, lembro bem, era quase impossível encontrar um só apartamento disponível na nossa terra. Os amigos explicam que quem já está desesperado não conta com fugir para a Alemanha ou para França, como de costume. Os desesperados estão a vender tudo quanto possam encurralados pelo inimigo universal.

São duas da manhã. Ouço o choro do costume que a ventilação propaga. Parou agora de chover mas sopra um vento terrível. Caminhar para o inverno parece-me invariavelmente encurtar o futuro. Desta vez, mais ainda. Muito mais. Tão perto de haver vacinas, este será inevitavelmente o fim do mundo para tantas pessoas. Sobem os números. Não dobram os sinos. Já repararam? Este ano há boicote aos sinos para que ninguém se aperceba do que é morrer tanta gente.

## Sobre a esperança

Sinto-me acabrunhado, acuado e com medo aterrorizante por causa de dois vírus, um conhecido por todos e outro difícil de ser identificado, mas igualmente letal. Trata-se do vírus da intolerância, da brutalidade e da incivilidade.

Oito refinarias da Petrobras serão privatizadas, sem discussão, com a rispidez da comunicação da atual estatal, sem licitação e com a autorização complacente do STF, restando somente a nós o apelo para a difícil interferência da providência divina. Estamos na fase mais brutal do capitalismo a serviço de outra nação, o imperialismo. As perdas do povo brasileiro são enormes. Não há, no Brasil de hoje, o equilíbrio entre os poderes. O sistema de freios e contrapesos foi abandonado. Todos os três poderes são servos do imperialismo. Se a mídia for considerada o quarto poder, ela também é fiel ao império.

Temos pessoas bem intencionadas, que acreditam em referendo revogatório, vitória dos nacionalistas nas próximas eleições, trazendo um total revisionismo e outros sonhos desejosos.

Pergunto quem irá fazer a conscientização dos despolitizados? A mídia aberta não fará. Quem irá pegar em armas para forçar decisões que beneficiem a sociedade? As Forças Armadas não irão e não é recomendável que o povo as pegue. Quem irá politicamente tentar libertar nosso povo desta submissão prejudicial? O Congresso e o Executivo não irão. Como a sociedade poderá se sublevar da dominação existente? Não vejo como.

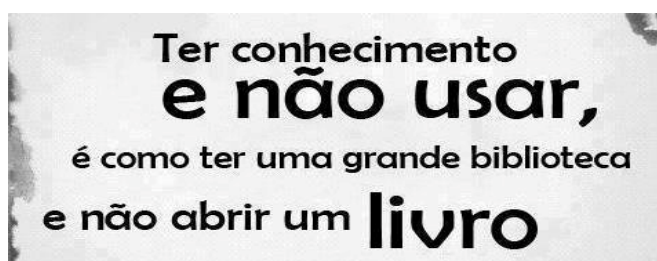
A grande esperança é porque o liberalismo econômico não resolveu e nunca irá resolver o problema social. Pelo contrário, irá sempre agravá-lo. Também, o modelo imperialista traz perdas visíveis para todos os brasileiros.

Nesta hora, vem à lembrança o provérbio: “Não há bem que sempre dure e um mal que nunca se acabe”. Mais um pensamento desejoso que nos enche de esperança, aquela maldade que não saiu da Caixa de Pandora só para parecer para a humanidade que se trata de uma bondade.

Segundo Dante, no portal de entrada do Inferno, há um alerta para que toda esperança seja ali abandonada. Daí, os seres humanos criam esperanças, mesmo que falsas, para não viverem no Inferno.

Nego-me a listar as desgraças iminentes, que hoje não são poucas, assim como as respectivas esperanças, até porque não costumo aderir a uma luta só se a possibilidade de vencer for grande. Sugiro lutarem pela humanidade.

Paulo Metri



## 30 - Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos

Também conhecidas como HQ's, as histórias em quadrinho são um modelo de leitura que mistura elementos textuais e visuais, criando a sensação de sequenciamento das cenas. Esta data visa homenagear este gênero literário, um grande responsável por apresentar e incentivar as crianças ao mundo da literatura. No Brasil, as

histórias em quadrinho surgiram em meados do século XIX, mas apenas se popularizou com o lançamento de clássicos como “A Turma da Mônica”, “O Menino Malquinho”, “A Turma do Pererê” e o “Tico-Tico”, que é considerada a primeira revista em quadrinho lançada no Brasil, em 11 de outubro de 1905. Origem do Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos A explicação para a escolha

desta data está no fato de ter sido em 30 de janeiro de 1869 que foi publicada a primeira história de quadrinho brasileira: “As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte”, autoria do cartunista Angelo Agostini. A partir de 1984, ficou instituído, através da “Associação dos Quadrinistas e Cartunistas do Estado de São Paulo” (AQC-ESP), que todo o dia 30 de janeiro seria comemorado.

## Educação, Trabalho e Pós-Capitalismo



Modelo escolar atual foi desenvolvido, ao longo do século XX, para formar mão-de-obra industrial. Mundo agora é outro, mas há quem acredite que a escola era melhor antigamente... Provocações para construir um ensino radicalmente novo

A educação profissional, em nosso país, surgiu assentada na dicotomia entre o pensar e o fazer. Em decorrência da divisão social do trabalho (e das classes sociais) entendíamos que a educação com foco profissionalizante deveria ser ofertada para as camadas mais pobres da população. Um marco nesta breve digressão histórica foi a criação da Escola de Aprendizes e Artífices, pelo presidente Nilo Peçanha, no ano de 1909. A partir da década de 1930, como decorrência de nossas experiências de industrialização no país, assistimos ao esforço político destinado à formação de recursos humanos, atendendo ao conjunto de diferentes exigências sociais e econômicas.

No decorrer da primeira metade do século passado, então, o Estado brasileiro engendrou um conjunto de dispositivos com ênfase na profissionalização e na preparação de nossas juventudes para o novo cenário. O ensino médio e a educação profissional – ora em ação articulada, ora separadamente – receberam um conjunto de investimentos políticos, dentre os quais poderíamos retomar: a) a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (1931); b) as redefinições da educação secundária na reforma de Francisco Campos; c) a criação do sistema S (1942); d) o posicionamento das escolas federais como autarquias (1959). Em termos políticos, poderíamos afirmar que o Estado brasileiro, ao priorizar um modelo de desenvolvimento econômico centrado na industrialização, redefiniu alguns princípios e modelos formativos para a

educação e inserção profissional das juventudes.

Em termos acadêmicos, também nos deparamos com reações aos modelos que predominaram e, da mesma forma, conseguiram propor alternativas críticas. Desperta nossa atenção nesta literatura a prioridade nas relações entre educação e trabalho, acompanhada de uma preocupação com a formação humana multidimensional (politécnica, omnilateral, dentre outras adjetivações). Nesta tradição apregoa-se a necessidade de justapor a formação acadêmica e a formação profissional, priorizando as importantes articulações entre cultura, ciência e tecnologia com o mundo do trabalho industrial.

Os modelos curriculares engendrados na segunda metade do último século assentavam-se sob os pilares da sociedade industrial e das formas subjetivas que dela se derivavam. Eram currículos focalizados na acumulação de conhecimentos e experiências, com uma formação a longo prazo e modelados pelas aptidões requeridas pelo mundo laboral. Seletivos na entrada e com altos índices de abandono e reprovação escolar, tais cursos orgulhavam-se de contribuir com uma mão-de-obra qualificada para o desenvolvimento do país. Todavia, com o advento de uma nova morfologia do trabalho (explicada por Ricardo Antunes) e com a própria reconfiguração psíquica do mundo do trabalho (desenvolvida por Vladimir Safatle), os modelos curriculares centrados na profissionalização foram colocados em xeque.

À medida em que o trabalho se reconfigura e a subjetividade do trabalhador – investidor de si mesmo em um cenário de precarização estrutural – é exposta à flexibilização neoliberal, precisamos colocar sob interrogação o futuro da educação profissional, bem como das possibilidades de escolarização juvenil. Concordo com François Dubet, sociólogo francês, que a atitude a ser evitada neste momento é a de “nostalgia sobre a escola do passado, cujos defeitos se apresentam pouco a pouco”. Tal atitude nostálgica, que estranhamente tem predominado na tradição progressista, não nos permite produzir novas reflexões: que articulem a inovação educativa com a governança escolar democrática e que busque por modelos curriculares mais plurais.

Uma literatura crítica, de caráter heterodoxo, pode nos auxiliar a reenquadrar nossos debates

sobre esta temática. Indicarei duas possibilidades a serem consideradas neste texto com foco em uma educação pós-capitalista. A primeira contribuição busco em Bruno Latour e nas novas demandas por orientação política no Antropoceno. A nomeada repolitização da ecologia trouxe o reconhecimento de que a atual crise que experimentamos impacta diferentes nuances da vida humana. Tenho me interrogado sobre os direcionamentos dos cursos profissionalizantes para pensar este novo regime climático. Que direcionamentos podem ser considerados em nossos currículos? Que experiências formativas precisam adquirir maior evidência?

A segunda contribuição podemos localizar em Michel Serres, em sua obra “Polegarzinha”, ao descrever as mudanças sociais contemporâneas que estão em curso – modificando as relações que as crianças e os adolescentes estabelecem com o mundo. Essas novas subjetividades acenam ao conhecimento de outros modos, inventam novos laços e estabelecem específicas conexões com os saberes e as experiências. No que tange ao trabalho, especificamente, Serres instiga-nos a pensar que a Polegarzinha aspira construir sua narrativa de vida para além da produtividade e deseja encontrar propósitos diferenciados para sua relação com o trabalho. Nas palavras do filósofo, poderíamos interrogar: “Nascido com a revolução industrial e copiado do ofício divino dos mosteiros, estará o trabalho, hoje em dia, pouco a pouco morrendo?”.

Com estas duas provocações, interessa-me colocar em evidência que os currículos de nossos cursos de educação profissional precisam atualizar a sua agenda de preocupações. Para além dos clássicos debates entre ensino propedêutico e disciplinas especializadas – saber e fazer –, é momento de enfrentarmos a reconfiguração subjetiva de nossos estudantes, os novos modos de relação com o trabalho e os impactos da repolitização da ecologia. Outros pontos, certamente, precisam ser levados em consideração; todavia, para este texto, a preocupação encontra-se em mobilizarmos coletivamente novas interrogações acerca das relações entre escola, trabalho e educação pós-capitalista. Em outras palavras, não podemos responder a atual crise da educação profissional reforçando os modelos modernizadores do capitalismo industrial!

**Roberto Rafael Dias da Silva**

## 28 - Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo



Data foi criada em 2009 para homenagear auditores fiscais assassinados em 2004. Em 2019 foram registradas 1.213 denúncias de trabalho análogo ao de escravo no país.

28 de janeiro é Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo e o Dia do Auditor Fiscal do Trabalho. A data foi instituída em homenagem aos auditores Eratóstenes de Almeida Gonsalves, João

Batista Soares Lage e Nelson José da Silva e ao motorista Aílton Pereira de Oliveira. Eles foram mortos no dia 28 de janeiro de 2004 quando investigavam denúncias de trabalho escravo em fazendas na cidade mineira de Unaí, no episódio que ficou conhecido como a Chacina de Unaí.

No Brasil, em 2019, o número de denúncias de trabalho análogo ao de escravo, aliciamento e tráfico de trabalhadores para a escravidão aumentou.

Conforme os dados do sistema informatizado do MPT (MPT Digital/Gaia) foram 1.213 casos, enquanto em 2018 foram 1.127. Segundo a Subsecretaria de Inspeção do Trabalho, ano passado, foram fiscalizados 267 estabelecimentos, sendo encontrados 1.054 trabalhadores em condições análogas à escravidão.

Neste ano, conforme o MPT Digital/Gaia, atualmente existe 1,7 mil procedimentos em investigação e acompanhamento nas 24 unidades do MPT espalhadas pelo país, envolvendo trabalho análogo ao de escravo, aliciamento e tráfico de trabalhadores para a escravidão.

Entre 2003 e 2018, cerca de, 45 mil trabalhadores foram resgatados e libertados do trabalho análogo à escravidão no Brasil. Segundo dados do Observatório Digital do Trabalho Escravo, isso significa uma média de pelo menos oito trabalhadores resgatados a cada dia. Nesse período, a maioria das vítimas era do sexo masculino e tinha entre 18 e 24 anos. O perfil dos casos também comprova que o analfabetismo ou a baixa escolaridade tornam o indivíduo mais vulnerável a esse tipo de exploração, já que 31 % eram analfabetos e 39% não haviam sequer concluído o 5º ano.

**Fonte:** andes.org.br

## Covid-19, a Vacina



### Ser vacinado não nos isenta de andar de máscara pelos próximos dois anos

Para a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz, país perdeu o 'timing' na organização da vacinação contra a Covid-19.

Uma das profissionais de saúde mais atuantes durante a pandemia, Margareth Dalcolmo, pneumologista e pesquisadora da Fiocruz, é categórica ao afirmar que o país está atrasado na organização da vacinação, o que vai estender o prazo para imunização da população brasileira.

Em entrevista à Folha, ela critica o obscurantismo do discurso oficial a respeito da gravidade da pandemia, destaca o trabalho dos pesquisadores e diz que é obrigação de toda a comunidade acadêmica vir a público para esclarecer as dúvidas da população, inclusive em relação às vacinas.

A pesquisadora ainda alerta que os cuidados como uso de máscara de proteção, distanciamento social e evitar locais fechados deverão permanecer pelos próximos dois anos, mesmo após a chegada da vacina.

"São medidas civilizatórias."

### Muitos pesquisadores afirmam que o Brasil está atrasado no plano de vacinação. Qual impacto que a demora nessa organização da imunização terá sobre o controle da pandemia?

Nós temos um atraso no "timing" das providências. Há oito meses, assim que a epidemia eclodiu, as vacinas começaram a ser produzidas. Isso é uma coisa inédita. Nunca se produziu tanto em tão pouco tempo. Foram usadas plataformas de vacinas completamente novas.

O Brasil fez uma coisa muito boa, que foi investir em um processo de transferência de tecnologia e de nacionalização da vacina junto à AstraZeneca através da Fiocruz, que é, sem dúvida, louvável.

Por outro lado, deixamos de prestar atenção nas outras vacinas que estavam em produção no mundo. E, hoje, há vacinas que já estão sendo aprovadas e nós não temos cronograma nem acordos de cooperação para sua compra.

Então, hoje, quando nós vemos o nosso ministro

adiantar que vai ter uma compra de 70 milhões de doses junto à Pfizer, é estranho. Porque, até onde sabemos, o que temos assegurado são 8,5 milhões de doses.

Por outro lado, há a vacina da Sinovac, junto ao Instituto Butantan. As vacinas não podem ser para um estado só. Elas têm de ser incorporadas ao PNI [Programa Nacional de Imunização].

Estamos vivendo um momento de grande paradoxo. Se por um lado o Brasil tem grande tradição, reconhecida internacionalmente, de saber vacinar, pois o PNI é muito estruturado e organizado, por outro temos a preocupação com a logística e a aquisição de insumos.

Haverá várias vacinas, e a logística é diferente para cada uma delas.

Já a questão dos insumos é preocupante. Não porque não consigamos comprar 300 mil seringas e agulhas — se a produção brasileira não der conta, há condições de adquirir no mercado externo, mas o mundo inteiro está atrás da mesma coisa, o que deve aumentar os custos.

Isso poderia ter sido tratado antes.

E há uma desigualdade evidente em relação às vacinas. O Canadá, por exemplo, já está com cinco doses de vacina para cada habitante, por exemplo. Eles vão doar as doses excedentes para o consórcio Covax Facility, que deve destiná-las aos países mais pobres — o que, certamente, não é o caso do Brasil.

### A sra. previu o janeiro mais triste da história. O que ainda é possível fazer para evitar um desastre?

Estamos num momento epidemiológico muito grave, esse recrudescimento que houve do mês de outubro para cá vai resultar realmente em uma segunda onda no Brasil. Vamos ter um fim e um começo de ano muito tristes no país, com uma segunda onda estabelecida.

A doença se rejuvenesceu. Temos visto muito mais jovens ficarem doentes.

Os jovens se acham invulneráveis, se aglomeram, estão trazendo a doença para dentro de casa. Entendo que esteja todo mundo muito cansado. Mas é uma epidemia longa, grave, desigual, que desnudou a desigualdade social obscura do Brasil.

Quando você vê a fila de pessoas esperando um leito para serem operadas, escândalos havidos em hospitais de campanha, corrupção em compras emergenciais, a gente se constrange muito.

E temo que se não resolvermos essa questão de insumos de uma maneira harmônica, mesmo sendo de responsabilidade dos municípios, isso vai dar margem a outro tipo de irregularidade, para não dar outro nome.

Se somarmos o que tem previsto de compra de insumo federal, estadual e municipal, ultrapassa os 300 milhões ao que o ministro está se referin-

do. Para quê? Nós somos 200 milhões de habitantes. Não vamos conseguir vacinar todo mundo. Não há vacina para todo mundo.

Aliás, não haverá vacina para todo mundo em todo lugar do mundo, porque se nós somarmos tudo o que vai ser produzido, vamos ter aproximadamente 2,7 bilhões de doses em 2021. Nós somos quase 8 bilhões de habitantes no planeta. A disputa por doses também é muito desigual.

Sabemos que os países ricos vêm na frente e compram.

### Se o país tivesse se antecipado nesses processos, seria possível ampliar a quantidade de vacinados em 2021?

Acho que sim, pelo menos em questão de prazos.

O que está previsto no cronograma do Ministério da Saúde é um período contínuo de 16 meses. Isso é muito tempo, porque precisaríamos ter uma taxa de população vacinada no ano de 2021 perto de 60%, para alcançarmos a célebre imunidade de rebanho, de que todo mundo fala, mas que é um termo que só se aplica à vacinação.

Se nós tivéssemos nos adiantado na aquisição de doses e insumos, e tivéssemos investido pesadamente na logística da vacinação, poderíamos alcançar isso. Entendo que o Brasil é complexo, mas temos tradição e expertise em vacinação. O Brasil sabe vacinar.

### Pesquisa Datafolha de dezembro mostra que 22% dos brasileiros não pretendem se vacinar contra a Covid-19, e esse índice chega a 50% se a vacina for chinesa. A que a sra. atribui esse descrédito da vacina?

A duas coisas. Primeiro, a um discurso muito equivocado por parte de algumas autoridades. Um discurso que é um desserviço ao Brasil e à opinião pública, que desacredita as vacinas.

Segundo, à ignorância. Ignorância no sentido de não saber. E é aí que entra o nosso papel de médicos, cientistas e pesquisadores de alertar e informar a população. As pessoas têm de entender que tudo vem da China. Não é que a vacina da Coronavac é chinesa. A vacina da AstraZeneca, cuja fábrica foi visitada recentemente pela Anvisa, fica na China. O insumo farmacêutico ativo, chamado de IFA, que nós vamos receber agora para produzir a vacina, vem da China.

A China é o maior produtor do mundo de matéria-prima da indústria farmacêutica e da indústria de biotecnologia. Por isso é uma questão de alertar a população. Vejo pessoas que ingenuamente dizem que só querem tomar a vacina inglesa. A vacina inglesa também vem da China.

Esse preconceito não é arraigado. É um preconceito ingênuo alimentado por um discurso oficial obscurantista.

**Margareth Dalcolmo**

## 30 - Mundial da Não-Violência e Cultura de Paz

é comemorado o Dia Mundial da Não-violência. Trata-se de uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), instituída desde 1948, em homenagem ao líder pacifista Mahatma Gandhi, cujo assassinato ocorreu nesta data. É um dia voltado à educação para a paz, à solidariedade, à mediação de conflitos e ao respeito pelos direitos humanos.

Gandhi, também chamado Mahatma (que significa "grande alma", "alma iluminada"), nasceu na Índia, em 1869. É considerado um dos principais

expoentes do pacifismo e da luta pelo respeito e realização dos direitos humanos e da justiça.

Após estudar direito na Inglaterra, foi trabalhar na África do Sul como advogado. Lá começaram as suas primeiras ações de protesto não-violento contra o racismo, baseadas na resistência pacífica e na não cooperação com as autoridades. Ao fim de anos de luta, e depois de ter conseguido algumas melhorias para a comunidade indiana na África do Sul, decidiu voltar ao seu país de origem — a Índia — e lutar pela sua independência.

## 2020: que ano foi esse?

### O meio ambiente, entre o fogo e a boiada



O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, fez cumprir sua palavra: passou com a boiada por cima de normas, Constituição, órgãos públicos, comunidades, florestas e quem mais ousasse estar pelo caminho do “progresso brasileiro” em 2020.

Em um ano marcado por recordes de destruição ambiental e pelo desmonte estatal, o fogo consumiu Amazônia e Pantanal como nunca antes se registrou, servidores foram perseguidos simplesmente por desempenharem seu trabalho, militares sem conhecimento técnico foram alçados a chefias estratégicas e o mundo passou a olhar para o Brasil como um inimigo do meio ambiente.

Em janeiro, uma situação sintomática: o ministro da Economia, Paulo Guedes, viu-se emparedado por representantes de fundos de investimentos, durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça). A sinalização era clara: ou o Brasil consertava sua política ambiental ou o investimento externo seria retirado do país

Uma das consequências pode ser a não concretização de um acordo entre o Mercosul e a União Europeia, o que representaria a perda de R\$ 50 bilhões por ano ao Brasil. Acuado, Guedes tentou acalmar os ânimos, minimizando a crise e culpando os pobres pela devastação florestal no país. O presidente Jair Bolsonaro também fez esforço para conter os danos, enviando um discurso em vídeo aos líderes mundiais, no qual garantia, entre outras falsidades, que “somos o país que mais preserva o meio ambiente”.

Não convenceu. Com a sinalização de retirada do dinheiro externo do Brasil, foi preciso que o governo tomasse medidas imediatas para tentar melhorar a imagem do país lá fora. A primeira resposta foi a criação do Conselho Nacional da Amazônia, comandado pelo vice-presidente, o general Hamilton Mourão.

Para Paulo Barreto, pesquisador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a medida não passou de uma encenação, sem efetividade em campo.

“Dadas essas pressões que já começaram no ano passado e se intensificaram este ano, o Brasil criou uma fachada – a criação do Conselho e mandar as Forças Armadas para o campo –, mas com pouca efetividade, porque ele já tinha criado um antídoto”.

O antídoto foi o decreto 9.760, de abril de 2019, que criou a chamada “conciliação” de multas ambientais. A medida, na prática, serve como proteção aos infratores, permitindo que eles sequer sejam julgados. “É uma encenação. O que a gente tem, agora, é certeza da impunidade”, diz Barreto.

#### Militarização

A submissão do Conselho da Amazônia a Mourão foi um dos passos rumo à militarização dos órgãos ambientais brasileiros, que passou a ser frequente desde então. Em 30 de abril, por exemplo, Salles exonerou dois conceituados chefes da área de Fiscalização Ambiental do Ibama – René Luiz de Oliveira e Hugo Ferreira Neto Loss – para dar lugar ao coronel da reserva Walter Mendes Magalhães Júnior, ex-comandante da Rota (a sangrenta tropa de elite da PM paulista).

Os exonerados, servidores de carreira, eram reconhecidos por ter vasto conhecimento técnico e comprometimento na área. Antes de serem retirados do caminho, eles vinham respaldando operações de fiscalização contra crimes ambientais, principalmente de extração de madeira e garimpo ilegais.

Em 6 de maio, mais militarização. Um decreto de Bolsonaro instituiu uma ação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), passando às Forças Armadas o poder sobre todas as operações contra desmatamento ilegal e incêndios na Amazônia Legal.

Com isso, servidores técnicos perderam espaço e prestígio. Dali em diante, quem quisesse trabalhar na Amazônia teria que passar por cima dos militares.

“Tivemos a continuidade e intensificação de um processo de desmonte das nossas instituições, uma militarização absurda de todos os órgãos ambientais – Ibama, ICMBio e o próprio Ministério do Meio Ambiente –, onde técnicos capacitados, treinados e concursados foram substituídos gradualmente por policiais militares de São Paulo, cuja única experiência era atuar na repressão policial”, relata Beth Uema, diretoria da Ascema Nacional, a associação que representa os servidores de carreira em órgãos de meio ambiente.

A troca nos comandos foi só um capítulo da guerra travada por governantes contra os servidores públicos do Ibama do ICMBio, que se fortaleceu a partir da morte de um serrador em Rorainópolis, no sul de Roraima, ainda no começo do ano.

Francisco Viana da Conceição, o “Neguinho”, foi atingido por um tiro durante uma fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e da Polícia Militar (PM), em uma zona de mata.

Sem investigação dos fatos, governantes do norte do país passaram a pedir a cabeça de fiscais, inflando perseguições dentro dos órgãos e até entre a população. A grita seguiu como linha de trabalho para esses mandatários e para o próprio Bolsonaro, que seguiu induzindo os brasileiros a pensar que fiscais ambientais são “inimigos do progresso”.

“A gente tem vivenciado, dentro das instituições, um ataque quase que diário a todos os servidores que tentam cumprir com sua obrigação de fiscalizar, de monitorar. Esses ataques nem sempre são tão visíveis, porque são aqueles ataques que acontecem no dia a dia, aquele assédio diário, a retirada gradual de direitos, punições injustas, demissões que a gente nunca sabe exatamente por que aconteceu, perseguições. É um aparato montado para desmontar a área ambiental, que tem causado muito desolamento e muito desânimo dentro da categoria”, comenta Beth Uema.

Além do enfraquecimento interno dos órgãos, Bolsonaro também retirou a sociedade civil das decisões nacionais envolvendo questões socioambientais.

Por meio de decretos, o presidente excluiu, por exemplo, todos os membros da sociedade civil da participação no Fundo Nacional do Meio Ambiente e retirou entidades ambientalistas, representantes de povos indígenas e movimentos sociais da composição da Comissão Nacional de Biodiversidade (Conabio).

O geógrafo e professor doutor Wagner Costa Ribeiro, da Universidade de São Paulo (USP), destaca que o enfraquecimento da participação social é estratégia pensada para que os colegiados estejam cada vez mais aparelhados ao governo.

“É lamentável, porque você torna esses comitês menos transparentes, com menor participação social, e evidentemente com uma posição majoritariamente governista, o que faz com que a expressão “passa a boiada” se torne mais factível”, afirma.

O desmonte estatal presumivelmente piorou a tragédia ambiental: o desmatamento na Amazônia brasileira atingiu 11.088 km<sup>2</sup> até novembro, a maior área registrada nos últimos 12 anos, segundo dados oficiais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Houve crescimento de 9,5% em relação a 2019.

No Pantanal, ainda de acordo com o Inpe, nos meses de julho, agosto e setembro, foi registrado aumento nas queimadas de, respectivamente, 241%, 251% e 181%. Apenas no mês de setembro, 14% de todo o bioma foi devastado pelo fogo. Além de toda a destruição florestal, o local virou um cemitério de animais selvagens.

O pampa, no Rio Grande do Sul, também teve recorde de queimadas. Até setembro, foram destruídos 6.044 km<sup>2</sup>. O recorde anterior, considerando o ano inteiro, era de 2003, quando foram queimados 2.488 km<sup>2</sup>. Fora isso, o bioma ainda é seriamente ameaçado pelo avanço indiscriminado da soja.

**Erick Gimenes**



# Gazeta Valeparaibana

Você é o que você lê!

## Passaporte da vacina: documento digital pode ser necessário para viajar



Empresas e governos trabalham conjuntamente no desenvolvimento de aplicativos que carreguem dados sobre testes e vacinação contra a Covid-19. Empresas e grupos de tecnologia estão trabalhando no desenvolvi-

mento de aplicativos e sistemas para smartphones para que as pessoas carreguem detalhes de seus testes e vacinações contra a Covid-19.

De acordo com informações levantadas pela CNN Brasil, os sistemas digitais que estão sendo criados podem vir a ser adotados por governos ao redor do mundo e ser exigidos para entrar em shows, estádios, cinemas, escritórios e até mesmo em outros países.

A Common Trust Network, iniciativa da organização sem fins lucrativos ligada a The Commons Project e do Fórum Econômico Mundial, fez parcerias com algumas companhias aéreas: Gathay Pacific, Jet-Blue, Lufthansa, Swiss Airlines, United Airlines e Virgin Atlantic.

O aplicativo criado pelo Common Trust Network, que por hora recebe o nome de CommonPass, permite que os usuários carreguem dados médicos, resultado de teste para covid-19 e um comprovante de vacinação, que pode gerar um atestado de saúde ou um passe na forma de um QR Code, que pode ser mostrado sem revelar informações confidenciais.

Além da já citada iniciativa, outras empresas estão também trabalhando no desenvolvimento de “passaportes da vacinação”, entre elas a IBM, que trabalha em um app chamado Digital Health Pass, que permite que empresas e locais personalizem indicadores necessários para o acesso ao local de trabalho.

Mas, além das iniciativas individuais das empresas, há também um trabalho coletivo sendo desenvolvido pela Linux Foundation em parceria com a Covid-19 Credentials Initiative, que envolve mais de 300 pessoas de várias organizações presentes em cinco continentes e que trabalham, neste momento, no desenvolvimento de um padrão universal para desenvolver um aplicativo de credencial de vacinas.

Também está sendo levado em conta no trabalho liderado pela Linux Foundation as milhares de pessoas ao redor do mundo que não possuem acesso a smartphones. Uma das ideias é a criação de um cartão inteligente, que atuaria como um meio-termo entre os certificados de vacina em papel e a versão digital.

A questão da privacidade de dados também está na preocupação das iniciativas da CommonPass, IBM e Linux Foundation. Os representantes afirmaram à CNN que a privacidade dos dados é “algo central” no desenvolvimento do passaporte da vacina.

Behlendorf, da Linux Foundation, afirma que o lançamento e a adoção de passaportes de vacina acontecerão rapidamente assim que todas as questões referentes a privacidade e dados das vacinas se encaixarem. O representante da Linux acredita que uma variedade de aplicativos que possam funcionar entre si esteja “amplamente disponível” no primeiro semestre de 2021.

**Marcelo Hailer.**

## “Algodão Doce”

São muitas as imagens que me incomodam nas ruas de São Paulo. Antes de mais nada, devo dizer que gosto das ruas mas isso não quer dizer que procuro prazer no que vejo nelas. Sobretudo procuro saber o que as ruas dizem, as mensagens que delas chegam.

Há um recado duro vindo das ruas.

Muitos idosos abandonados e que se multiplicam numa cruel diversidade. Alguns catatônicos, em transe, com sofrimentos mentais diversos. Há os alcoolistas, os andarilhos clássicos, os carroceiros, os pedintes...

Mas, há um tipo específico de idoso, que voltou a ocupar as ruas nos últimos tempos. Eles que não são moradores de rua, muito provavelmente moram em casas nos arrabaldes do centro ou em quebradas distantes e perambulam pelas ruas centrais, na Barra Funda, em Santa Cecília, em Campos Elíseos, tentando vender algo.

Eles não têm a organização dos ambulantes nem o senso de oportunidade dos vendedores sazonais. São o improvisado de um mundo miseravelmente improvisado.

Há alguns dias vi um senhor negro, com roupas rotas, uma máscara mal encaixada dançando no rosto magro, os cabelos eriçados, desgranhados e brancos, o andar desorganizado. No entanto, o que marcou foi o que ele estava vendendo: eram chumaços disformes de algodão doce, descoloridos, mas cuja intenção era se apresentarem em multicor.

Ele andava pela Avenida General Olímpio, tal qual um personagem de romance triste.

Sim, era triste e densa a imagem.

Eu parei e fiquei olhando de longe aquele senhor, visivelmente um homem com muita idade, muitas histórias, muita estrada nas costas. Melancolicamente ele tentava vender os seus algodões doces, sem atrativo algum. E era exatamente isso o que ele representava. Era muito simbólica aquela imagem.

O homem e o algodão doce me disseram muito sobre a grande derrota em que estamos metidos. Senhores e senhoras, que deveriam estar vivendo uma réstia de tempo para descanso, estão nas ruas tentando juntar um dinheiro pra comer, para não perecerem no abandono, para escaparem da fome.

Confesso a vocês que não estou conseguindo organizar as ideias para me expressar melhor nesse texto. O fato é que a imagem daquele senhor vendendo algodão doce volta há dias na minha lembrança, em todo momento que eu paro pra pensar. Uma imagem síntese das ruas de São Paulo no meio da pandemia de 2020.

Eu quero muito entender melhor como lidar com a miséria construída pelo capital. Quero muito participar de algo que represente uma reação, um início de mudança, uma virada de jogo.

Eu quero muito que o senhor dos algodões descoloridos possa descansar um pouco.

Se eu pudesse pedir algum presente nesse ano maldito, seria esse: o início de uma ruptura, de uma mudança efetiva.

**Ricardo Queiroz Pinheiro**

## 04 - Dia Mundial do Braille

A data de 4 de janeiro assinala o nascimento de Louis Braille, o criador do sistema de leitura e de escrita Braille, que permite através do toque facilitar a vida das pessoas invisuais e a sua integração na sociedade.

Louis Braille ficou cego aos 3 anos de idade e aos 20 anos conseguiu formar um alfabeto com diferentes combinações de 1 a 6 pontos que se alastrou pelo mundo e que ainda hoje é usado como forma oficial de escrita e de leitura das pessoas cegas.

Livros, folhetos, medicamentos, cd's, dvd's, são alguns exemplos de produtos com impressão em Braille para facilitar a percepção do conteúdo.